

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA KANOÊ: USOS E PERCEPÇÕES ACERCA DO MATERIAL DIDÁTICO PARA O APRENDIZADO DO KANOÊ E DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Orientando: Paulo Rossi Kanoê¹

Orientador: Dr. Fábio Pereira Couto²

Coorientadora: Ma. Letícia de Souza Aquino³

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal compartilhar resultados de pesquisa de análise de materiais didáticos utilizados no ensino da língua Kanoê e língua portuguesa, com especial atenção ao processo de ensino da língua Kanoê da comunidade indígena das Terras Indígenas Rio Branco e Rio Omerê, localizadas no estado de Rondônia. A pesquisa foi realizada em 2018, mas se intensificou principalmente no ano de 2021, contando com a análise crítica e reflexiva de materiais didáticos disponíveis na comunidade para o ensino da língua Kanoê e portuguesa, além de descrever um panorama da atual situação sociolinguística do povo Kanoê, contando, para isso, com a fundamental colaboração da comunidade indígena Kanoê e da pesquisadora doutoranda do PPGL/LALLI/UNB Letícia Aquino. O repertório teórico contou, entre outros, com autores como Rodrigues (1986), Bacelar (2007, 2010, 2013, 2014), Cabral *et al.* (2020), Silva (2000), Campetela (2014), Aquino (2021, comunicação oral) entre outros. Como resultado, esta pesquisa pode verificar a adequação em alguns aspectos dos materiais didáticos disponíveis para o ensino-aprendizagem da língua Kanoê bem como do português brasileiro (PB) pelos Kanoê do Omerê, mas também a necessidade de readequação e ampliação do escopo didático dos materiais em questão com vistas às teorias comunicativas do ensino-aprendizagem de línguas em contexto de imersão bilíngue PB-Kanoê.

Palavras-Chave: Língua Kanoê. Materiais didáticos. Ensino de Língua indígena.

¹ Graduando do curso de Educação Intercultural da Unir, campus de Ji-Paraná.

² Professor Dr. Adjunto do Curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), *campus* de Ji-Paraná. Coordenador do Laboratório de Línguas e Cultura Indígena da UNIR. Coordenador do programa Saberes Indígenas da rede UNIR-UFAC. Pesquisador do Laboratório de Línguas e Literatura Indígenas da Universidade de Brasília (UnB).

³ Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília/Unicamp (2009-2010). Trabalhou como professora voluntária de LPT do Departamento de Linguística da Universidade de Brasília; consultora especialista do Cespe/UnB; professora de português para estrangeiros e nativos no Brasil (embaixadas Alemanha, Holanda, Cuba etc), no México (escola de PBSL Casa do Brasil no México) e na Austrália. Atualmente é professora efetiva de língua portuguesa da Secretaria de Educação do Estado e DF, bem como da rede particular de ensino, em licença para estudos do Doutorado em Linguística do PPGL/UNB. Tem experiência na área de Letras, Tradução, Revisão, Linguística, Linguística Aplicada e Educação, Avaliação de Língua Portuguesa como LM e LE, avaliação e ensino de LM e LE, educação, línguas indígenas brasileiras, sociolinguística, revitalização linguística. Mestre em Linguística pela UNB/UNICAMP com o trabalho de pesquisa intitulado: Pesquisa sociolinguística entre os Asuriní do Tocantins. Contribuição para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo central compartilhar resultados de pesquisa desenvolvida no âmbito do curso de Educação Intercultural, como forma de investigação e reflexão do processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa e língua Kanoê. Com fundamental atenção à análise crítica aos materiais didáticos/pedagógicos disponíveis para ensino de línguas (português/Kanoê) e cultura Kanoê nas escolas da comunidade indígena e no Programa de Imersão e Revitalização Linguístico-Cultural PB-Kanoê.

Procuramos também, por meio desta pesquisa, demonstrar, mesmo que de forma não detalhada, a atual situação sociolinguística da língua Kanoê, como foco especial aos Kanoê das Terras Indígenas Rio Omerê e do Rio Branco, visto que esses são os dois grupos atualmente envolvidos no projeto de imersão para ensino-aprendizagem das línguas Kanoê e Português do Brasil.

Vale ressaltar que o interesse em desenvolver este trabalho parte de grande preocupação com a atual situação sociolinguística do povo Kanoê, uma vez que a maioria da população não só não fala mais a língua indígena tradicional, tendo em vista que o português do Brasil é a língua de uso exclusivo na T.I. Rio Branco, exceto nos casos de casamentos interétnicos em que uma das partes aprendeu alguma outra língua indígena do cônjuge. Dessa forma entendemos que a produção de materiais e fortalecimento do ensino da língua Kanoê tem que ser incentivada, pois a língua Kanoê está muito próxima de ser mais uma língua indígena a desaparecer.

Neste mesmo prisma, vale informar que não há transmissão da língua indígena entre as diferentes gerações dos Kanoê na Terra Indígena Rio Branco, com a exceção da família de Francisco Kanoê, cujos membros atualmente demonstram esforços visíveis e constantes na medida do possível de se revitalizar a língua Kanoê e torná-la de uso corrente.

Como forma de estruturação e de desenvolvimento das discussões aqui evidenciadas, o trabalho foi estruturado da seguinte forma: na Seção 1, a proposta é fazer uma discussão/contextualização histórica sobre o povo Kanoê; na Seção 2, a preocupação foi esclarecer os procedimentos técnico e metodológicos da pesquisa, inclusive tecendo algumas discussões acerca da fundamentação teórica, que utilizamos para a fundamentação, análises e reflexões sobre os dados da pesquisa; na Seção 3, a proposta, que é o foco deste trabalho, foi a de expor, analisar e elaborar uma reflexão crítica sobre os materiais didáticos/pedagógicos

que estão disponíveis e que são utilizados para o ensino da língua Kanoê e língua portuguesa; além dessas seções, acrescenta-se a esta estrutura a introdução e as considerações finais.

Cabe aqui reafirmar a fundamental importância da comunidade indígena que colaborou de forma espontânea e efetiva nas oficinas e pesquisas de campo, durante todas as fases da presente pesquisa. Também cabe agradecer de igual modo a contribuição e orientação da professora e pesquisadora, que faz trabalho e pesquisa junto à comunidade da Aldeia São Luiz, Leticia Aquino, que me ajudou muito durante todas as etapas de elaboração deste trabalho.

1. O POVO KANOÊ – CONTEXTO HISTÓRICO

A priori, antes de lançar foco ao contexto histórico do povo Kanoê do antigo e do recente contato, faz-se importante tomar conhecimento de alguns dos principais fatos históricos que revelam o contexto socioeconômico do Estado de Rondônia, terras onde habitam o povo Kanoê. Segue Quadro 1, cujo contexto histórico dos principais acontecimentos até a década de 1980 estão resumidos em ordem cronológica.

Quadro 1 – Síntese do contexto histórico do povo kanoê

Data	Acontecimento histórico
Século XVI	Sertanistas e missionários católicos
Fim do século XIX e início do XX	Ciclo da borracha; colonização opressiva e inculturação dos povos indígenas da região; Construção da ferrovia Madeira-Mamoré; Aumento da migração nordestina para a região; Origem de Porto Velho (Questão do Acre) para resolver litígio entre Brasil e Bolívia.
1903	Tratado de Petrópolis para solucionar “Questão do Acre” e início da ferrovia do diabo; muitas mortes de indígenas por doenças do contato e pressões socioeconômicas.
1907-1917	Marechal Rondon chefia Comissão Rondon e instala 2.270 km de linhas telegráficas; pacificação dos índios Bororo.
1940 -1959	Instalação de Col. Agrícolas próximas a Porto Velho: Nipo-brasileira e Treze de setembro (1954) e Paulo Leal (1959);
13/09/1943	Criação do Território do Guaporé
17/02/1956	Território Guaporé passa a ser chamado de Território Federal de Rondônia em homenagem a Rondon.
1970	Ferrovia Madeira-Mamoré obsoleta e por falta de uso foi substituída por rodovias no trecho não navegável do Rio Madeira (Guajará-Mirim a Porto Velho); Ditadura militar e implementação da malha ferroviária;
1981	Emancipação do Território Federal de Rondônia que passa a ser um Estado da fed. brasileira.
1980	- BR-364 Cuiabá-Rio Branco ligando a SP que se expandiu pelo norte do MG, Amazônia e RO; - Incra e assentamentos de famílias de trabalhadores rurais e posterior expulsão dos pequenos proprietários e trabalhadores rurais sem-terra; - Lavradores vindos da região Sul do Brasil; - Exploração da cassiterita com de lavra mecanizada; - Início obras Usina Hidrelétrica de Samuel no rio Jamari; - Monocultura da soja e pecuária de corte extensiva; - Alta no contrabando de metais,

	mercadorias e tóxicos.
1980 – 1986 (Rondônia: terra de oportunidade para todos)	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento da população de Porto Velho de 120 mil para 400 mil habitantes; - Conclusão da Usina Hidrelétrica de Samuel no rio Jamari; - Construção de pequenas usinas termelétricas no interior; - Implantação de escolas e da UNIR; - Perdas de territórios pelos povos indígenas, mortes, submissão, miscigenação; - Avanço do desmatamento ou das florestas sendo transformadas em pastos e plantações de soja e café; - Expansão da indústria da morte madeireira.
1985	<ul style="list-style-type: none"> - 9 Toneladas de ouro retiradas do Rio Madeira com desastrosas consequências ambientais e sociais; - População de 40 mil garimpeiros; - Corrida do ouro; - Águas envenenadas por Mercúrio.

Fonte: Quadro síntese feito para este TCC com base nos dados coletados das leituras do contexto histórico em Bacelar (2004).

De acordo com depoimentos dos agentes da Funai à época do contato, Marcelo dos Santos e Inês Hargreaves, os Kanoé se localizavam na cabeceira do Rio Omerê, afluente do Rio Corumbiara, e do Tanaru, afluente do Rio Pimenta Bueno; esse grupo foi contatado pela FUNAI apenas em 1995, quando eram somente cinco indivíduos (Bacelar, 2004). Atualmente encontram-se relativamente dispersos na região sul do estado de Rondônia, próxima à fronteira com a Bolívia. A grande maioria mora ao longo das margens do Rio Guaporé, mas se encontram também grupos na Terra Indígena Rio Branco (T.I. Rio Branco), nas jurisdições dos municípios de Alta Floresta D'Oeste, São Miguel e São Francisco (maior parte da área), onde será o foco da pesquisa, juntamente com o projeto desenvolvido na Frente de Proteção Etnoambiental Guaporé, na Base de Proteção Etnoambiental Omerê, cuja localização encontra-se na Terra Indígena Rio Omerê, próxima a Corumbiara, com seus três últimos falantes da língua Kanoê, com apenas 27 anos de contato: Txinamanty, Pura e Bukwa.

O grupo de Kanoê que se encontra na T. I. Rio Branco é composto por duas grandes famílias que moram na aldeia São Luís, totalizando 32 indivíduos, sendo 18 crianças e 14 adultos, constituindo-se a linhagem patrilinear, ou seja, apenas filho de pai Kanoê é Kanoê.

Conforme Algayer e Bacelar (2013, p. 8), os casamentos eram exogâmicos, o indivíduo deveria casar fora de seu clã, cabendo ao pai decidir as possibilidades de casamento; atualmente os casamentos exogâmicos Kanoê estendem-se para fora do povo de origem na quase que totalidade dos casos, devido a uma impossibilidade histórica de casamentos dentro do mesmo grupo, pela falta de pares possíveis, pois a maioria dos Kanoê nos grupos remanescentes pós-contato possuíam impeditivos de casamento por motivos de grau de parentesco, essa característica vai de encontro à existência massiva dos casamentos exogâmicos interétnicos entre os Kanoê e à consequente redução de sua população, visto ser a patrilinearidade um dos fatores que acabam no atual contexto por ter relação direta com o decréscimo do número de indivíduos da população Kanoê. Por exemplo o caso de Régis Makuráp Kanoê, filho de mãe Kanoê e pai Makuráp, recebe o nome da etnia da mãe na certidão após o nome da etnia do pai e para o censo de seu povo é contado como um indivíduo da etnia Makuráp e não de dupla etnia, pois para ser Kanoê há que ser filho ou filha de pai Kanoê, respeitando-se o sistema ainda existente de patrilinearidade.

Atualmente, na aldeia São Luís, moram aproximadamente 125 indivíduos de 7 etnias distintas: Makuráp, Jabuti, Tuparí, Aruá, Ajurú, Kanoê e Sakirabiat. Havendo ainda povos Kampé, Arikapú e Djahuj (3 pessoas) que vivem em outras aldeias da T. I. Rio Branco (ver fotos em Anexo).

Sendo que desses 32 são Kanoê, 14 adultos (a partir de 18 anos) e 18 crianças. Apesar de ainda existir a vontade por parte de alguns Kanoê para que volte a haver casamentos dentro do povo Kanoê, essa realização segue impedida pelas atuais proximidades dos traços de parentesco.

Atualmente, já não se fazem mais os rituais de casamento como antigamente e os mais velhos, que possuem esse conhecimento, já não estão em condições de saúde para compartilhá-los com o restante da comunidade, como o Sr. Francisco Kanoê, com 101 anos, e que atualmente mora na aldeia Ricardo Franco.

1.1 Os Kanoê dos primeiros contatos

Conforme relato dos Kanoê mais velhos, o processo de aculturação do povo Kanoê dos primeiros contatos ocorreu entre os anos de 1930 e 1940, não sendo possível uma reconstituição exata da história social desse povo antes do contato com a sociedade majoritária; todavia, tem-se que as famílias nucleares se organizavam em clãs, sendo

patrilinares e patrilocais. As famílias pertencentes a um mesmo clã habitavam uma casa comunal, sendo a aldeia composta de várias casas comunais, distribuídas em um pátio central circular. Nos dias atuais, após os casamentos, tem-se o costume de fazer a casa ou do lado da mãe ou do pai ou dos primos e irmãos, ou seja, já não há uma única regra fechada, assim formam-se os núcleos familiares e respectivos vizinhos e já não mais em forma circular, e com casas de arquitetura e construção não indígenas (Anexo fotos de alguns locais da aldeia São Luís na T. I. Rio Branco).

Atualmente o local de reuniões da comunidade ocorre na *Tsero tyj* 'casa de chicha', nessa casa acontecem as reuniões políticas, comunitárias, escolares, sociais e usos das línguas indígenas dos povos presentes na aldeia. Nessas reuniões multiétnicas o português e em alguns momentos o Tuparí são falados na casa de reunião; o povo Makuráp fala saudações e algumas frases na língua. O povo Kanoê atualmente irá começar as reuniões com a saudação principal *Tseré mirõtxi!*, e *morere!* como expressão genérica para 'ótimo, ok'.

Atualmente o povo Kanoê encontra-se em alto grau de 'aculturação' com perda de grande parte de sua identidade cultural e linguística, conforme Bacelar (2004); todavia, até então se reconhecendo como um povo de origem comum e com vínculos de parentesco. Apesar disso, o povo Kanoê de 2000 até então tem feito esforços para a retomada dos traços culturais e da identidade linguística por meio de projetos de revitalização da língua e cultura Kanoê, motivados principalmente pelas famílias do clã de Francisco Kanoê, atualmente com 101 anos, pai de Fernando Kanoê, 64 anos.

O grupo de Kanoês do primeiro contato vive disperso nas margens do Rio Guaporé (P. I Deolinda, A. I. Sagarana e T. I. Rio Branco, Guajará-Mirim).

Seguem alguns mapas com as imagens das Terras Indígenas onde atualmente encontra-se a maior parte do povo Kanoê disperso nas várias aldeias de cada T.I.

Imagem 1 – Mapa da T. I. Omerê

Fonte: Google maps (fev./2022).

Quadro 2 – Censo dos Kanoê do Omeré realizado por Paulo Kanoê em janeiro de 2022

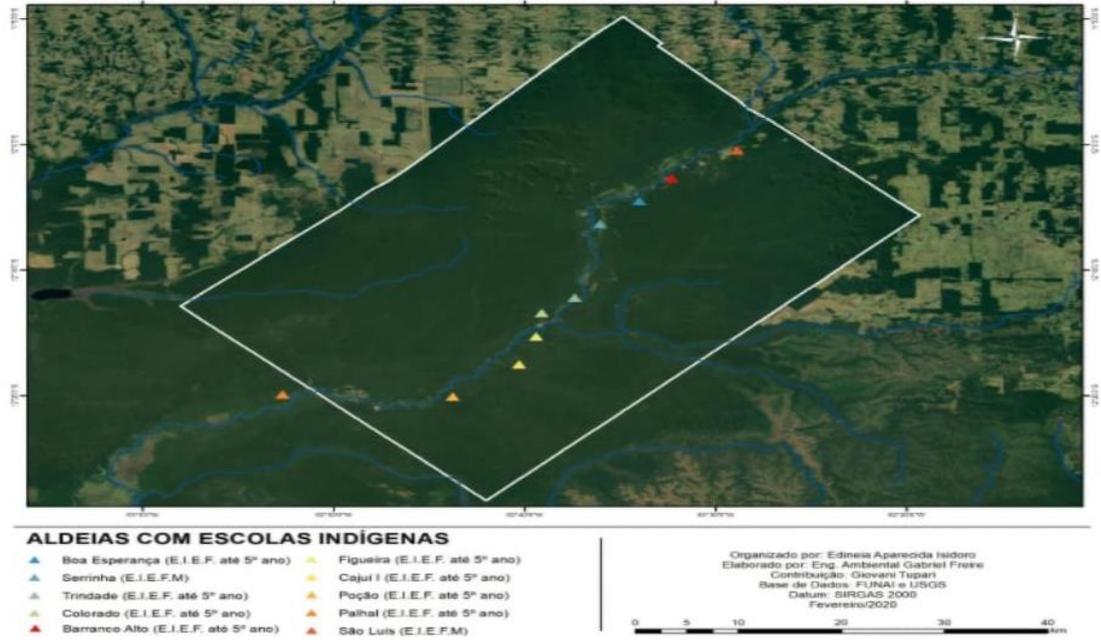
N	Nome	Idade	Data de Nascimento	Gênero	Local de Residência
01	Txiramanty	55	17/10/1967	F	T.I. Omerê
02	Pura	49	17/10/1973	M	T.I. Omerê
03	Bukwa	20	30/01/2002	M	T.I. Omerê

Imagem 2 – Mapa da T. I. Rio Guaporé

Fonte: Google maps (fev. 2022).

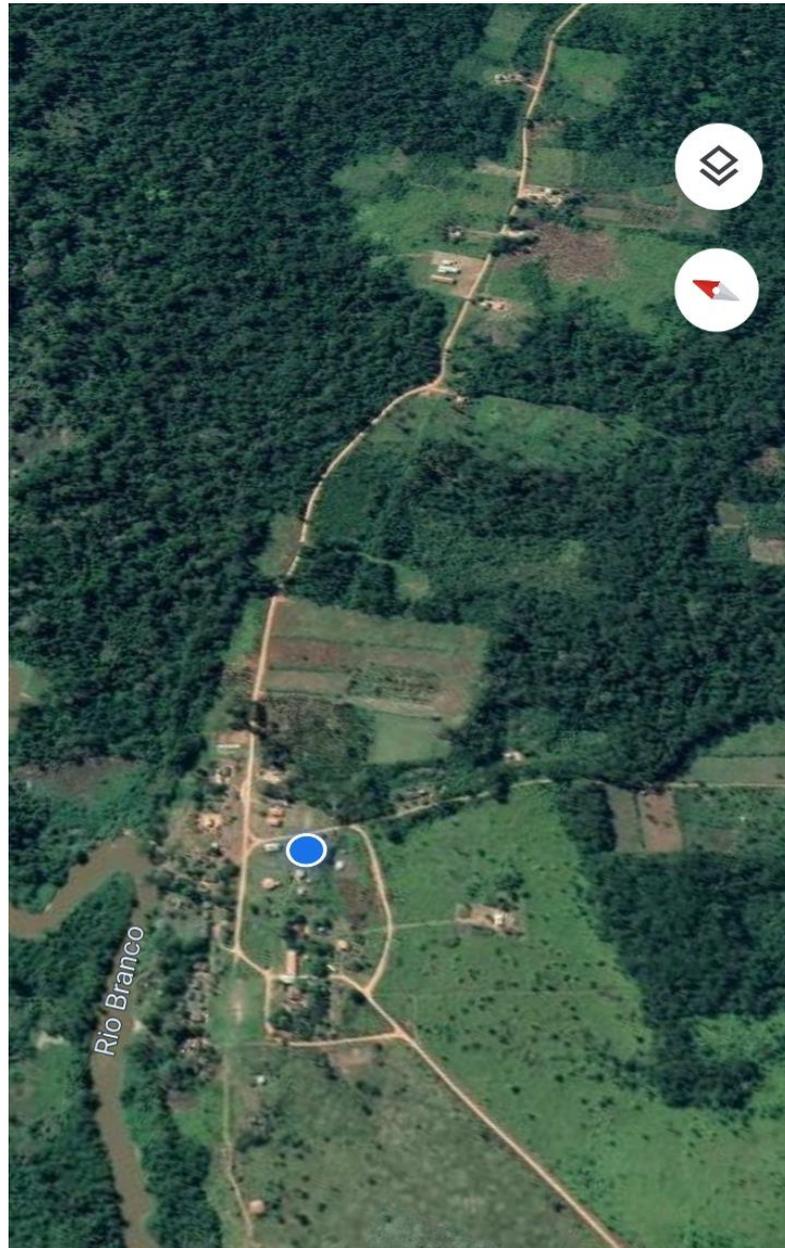
O censo da T. I. Rio Guaporé encontra-se em fase de atualização por parte do IBGE e não foi possível disponibilizar aqui os dados atuais.

Imagem 2 – Mapa da T. I. Rio Branco



Fonte: Google maps (fev./2022).

Imagem 3 – Mapa da aldeia São Luiz (T. I. Rio Branco)



Fonte: Google maps (fev./2022).

Seguem dados do Censo da T. I. Rio Branco dos Kanoê do Rio Branco realizado por Paulo Kanoê em janeiro de 2022.

Quadro 3 – Censo da Terra Indígena Rio Branco (jan. 2022)

N	Nome	Idade	Data de nascimento	Gênero	Local de Residência
01	Fernando Maria Duarte Kanoê	64	27/11/1957	M	São Luís
02	Paulo Rossi Duarte Kanoê	38	29/03/1984	M	São Luís
03	Valcemir Kanoê	38	09/08/1984	M	São Luís
04	Mical Duarte Kanoê	36	06/03/1986	F	Barranco Alto
05	Alysson Duarte Kanoê	34	04/04/1988	M	São Luís

06	Plinio Kanoé	33	21/03/1989	M	São Luís
07	Misma Duarte Kanoé	32	29/03/1990	F	São Luís
08	Rui Filho Kanoé	31	08/07/1991	M	São Luís
09	Elysson Duarte Kanoé	30	02/08/1992	M	São Luís
10	Ernane Duarte Kanoé	28	14/08/1994	M	São Luís
11	Rayle Duarte Kanoé	24	25/07/1998	M	São Luís
12	Sandro Duarte Kanoé	23	26/08/1999	M	Ji-Paraná
13	Raio Douglas Kanoé	19	12/08/2003	M	São Luís
14	Ana Paula Kanoé	19	21/10/2003	F	São Luís
15	Pablo Kanoé	18	02/04/2004	M	São Luís
16	Kemily Kanoé	17	13/10/2005	F	São Luís
17	Henrique Kanoé	16	20/03/2006	M	São Luís
18	Kaique Kanoé	16	19/08/2006	M	Morada Nova
19	Jasmim Kanoé	15	30/08/2007	F	São Luís
20	Tallyson Kanoé	15	18/01/2007	M	Trindade
21	Melk Kanoé	15	02/02/2007	M	São Luís
22	Saulo Kanoé	14	23/03/2008	M	São Luís
23	Ariadne Estela Kanoé	14	04/12/2008	F	Alta Floresta
24	Fernando Uruã Kanoé	12	29/03/2010	M	São Luís
25	Ruan Kanoé	12	10/10/2010	M	São Luís
26	Isabela Kanoé	12	26/12/2010	F	Alta Floresta
27	Vander Kanoé	11	01/02/2011	M	São Luís
28	Serena Kanoé	9	06/08/2013	F	Alta Floresta
29	Vinicius Kanoé	8	07/01/2014	M	São Luís
30	Calebe Kanoé	7	13/04/2015	M	São Luís
31	Munik Kanoé	6	30/06/2016	F	São Luís
32	Vivian Kanoé	5	18/06/2017	F	São Luís

Fonte: Paulo Kanoê (jan. de 2022).

1.2 Os Kanoé do Omerê – tragédia e superação

Em relação à história específica dos Kanoé do Omerê, no começo de 1996, funcionários da Frente de Contato, Marcelo do Santos e Altair Algayer, tendo Munuzinho Kanoé como intérprete, colheram os primeiros depoimentos do grupo. A seguir, alguns relatos, que contam parcialmente o porquê de restar tão somente a família de Tutuá, conforme escritos em Bacelar (2004, p. 41, com atualizações de ALGAYER, 2022 em comunicação oral com AQUINO, 2022, no prelo).

O grupo contava então com aproximadamente 50 pessoas, das quais a maioria eram mulheres e algumas crianças. Certo dia, os homens se reuniram e decidiram que partiriam todos em expedição à procura de outros povos, com os quais pudessem negociar alguns casamentos. Todos os homens Kanoé, de idosos aos meninos mais crescidos, partiram. As mulheres ficaram apenas com suas crianças. Mas os dias se passaram e os homens não

voltavam. A aflição entre as mulheres aumentava a cada dia e duas delas resolveram partir à procura dos homens. Três ou quatro dias depois, voltaram com a trágica notícia: seus maridos e filhos continuavam desaparecidos. As mulheres entraram em pânico e, sem perspectivas, decidiram pelo suicídio coletivo em uma das versões mais antigas dessa história conforme relatos de Munuzinho Kanoê; todavia, conforme relatos mais recentes de Pura Kanoê a Altair Algayer (comunicação oral citada em AQUINO, 2022, no prelo), as mulheres teriam preparado um remédio para se livrarem de uma berne causada pelo contato nas proximidades das fazendas de gado, mas por algum motivo não muito bem conhecido teriam sofrido envenenamento por esse remédio, pois há relatos de Pura Kanoê que após terem tomado o remédio as mulheres sofreram congestões intestinais com sintomas de vômitos e diarreias. Sendo assim, há duas versões para essa história: a da possibilidade de um suicídio coletivo por envenenamento e a da possibilidade de envenenamento pela tentativa coletiva de se tratar um berne por meio de um remédio natural feito com plantas. Pelos relatos de Munuzinho, Tutuá, porém, mal começou a ingerir o veneno ou o remédio-veneno, ainda encontrou forças para lutar pela vida e vomitou o que havia ingerido. Também conseguiu fazer com que seus filhos – Txinamanty e Operá (Hoje Purá) –, sua irmã e sua sobrinha (Aimoró) se salvassem.

Os Kanoé do Omerê ficaram então reduzidos a duas mulheres adultas e três crianças. Mas a irmã de Tutuá já não era a mesma. Enlouquecida, não acreditando que os homens estavam mortos, entregou a filha Aimoró aos cuidados de Tutuá e partiu sozinha à procura de seu marido e de seus filhos homens. Tutuá ainda tentou impedir que ela fizesse isso, mas foi em vão: sua irmã partiu e dela não se teve mais notícias. Então Tutuá sozinha criou seus filhos e a sobrinha se refugiando na floresta, vários dias se passaram até se encontrar com outro grupo de isolados, os Akuntsum, e Tutuá logo tentou se aproximar deles e delas, para um possível casamento entre seus filhos, mas os conflitos sempre prevaleciam entre eles pelas diferenças linguísticas e culturais, por essa razão sempre havia discussões. Como somente a família de Tutuá que tinha restado dos assassinatos e suicídios de seus parentes, a ideia de Tutuá era fazer com que seus filhos casassem para que o grupo não ficasse ainda menor (REEL, 2011).

De tanta insistência de casamentos entre os dois grupos, e por ser mais agressiva com os Akuntsum, Aimoró, a sobrinha de Tutuá, quando se aproximava deles, sempre havia uma certa desordem, que causou a morte dela, onde essa morte abalou ainda mais a relação entre ambos os grupos.

Tempos depois, apesar de ainda haver alguns confrontos entre eles, Txinamanty ficou grávida do cacique Konibu, líder dos Akuntsum, gerando um menino, mais tarde seria chamado de Operá. No início de 2002 nasceu outra criança (Bukuwá), e no início de 2003, contraíram a malária, onde causaram a morte da velha Tutuá, com 50 anos, e do menino Operá, com 7 anos.

Em 1943, um relatório de Estanislau apontava que nas margens do Rio Omerê havia a possível presença de índios no local, onde logo o órgão da Funai foi informado para que tomasse as devidas providências. Tempos depois, em 1984, novos relatos apontavam realmente a presença dos índios no local, e que a área estava sendo desmatada pelos fazendeiros na retirada de madeiras e na formação de pastagem, embora os fazendeiros garantissem que não havia índios nenhum na área apontada pelos relatos. Então no ano seguinte foi criada a Frente de Contato que iniciou oficialmente os trabalhos de proteção aos indígenas, daí em 1986 foi interditada uma área de 63.000 hectares de superfície, mas ainda assim os fazendeiros não calaram e continuavam a destruir os possíveis vestígios dos indígenas, fazendo derrubadas e construindo estradas nos locais onde os indígenas se localizavam isso para dificultar as investigações dos funcionários da Frente de Proteção, mas a equipe fez um sobrevoo na área e avistaram o possível local de roça e aldeia dos indígenas, além do sobrevoo na área, os indigenistas coletaram vários depoimentos de índios e trabalhadores das fazendas, e os peões afirmavam que realmente os fazendeiros contrataram pistoleiros para matar os índios; a morte desses indígenas acontecia porque eles tentavam impedir as derrubadas das matas no local, alguns depoimentos de indígenas da região também afirmavam ter visto índios desconhecidos chegando próximo a suas casas.

Então em maio de 1986, o juiz federal de Porto Velho concedeu um mandado de segurança, um habeas corpus, para os fazendeiros da área interditada, onde suspendia a portaria feita pelo presidente da FUNAI, mas sem sucesso, pois o órgão recorreu e manteve a área interditada. Então o sertanista Sidney Possuelo foi nomeado para coordenar os trabalhos de localização dos indígenas, logo em seus relatos constatou que a área estava praticamente destruída por estradas derrubadas, destruindo todos os vestígios dos índios. Em dezembro do mesmo ano a área foi desinterditada, dando posse aos fazendeiros, mas a Frente de Contato não desistiu das investigações, e os indigenistas Marcelo dos Santos e Altair Algayer continuaram a reunir evidências para provar que ali existiam índios realmente (REEL, 2011).

Em 1993, eles contaram com recursos, imagens de satélites recentes onde apontam com precisão a possível presença de índios na região. Logo começou um trabalho sistemático

de localização, onde avistou nas imagens uma mancha pequena onde seria a aldeia dos índios; começaram a expedição e constataram que era realmente a aldeia dos índios, em setembro de 1995, prepararam uma grande expedição, para entrar em contato com esse povo, a equipe chamou um jornalista para que fosse divulgado pela imprensa, onde logo a equipe se deparou com dois indígenas, que pareciam bem assustados, mas que carregavam arcos e flechas e falavam línguas ainda desconhecidas, os membros da Frente de Contato, por não entenderem a língua dos indígenas, tentavam se comunicar através de gesto, e eles demonstravam por sua vez certo receio, mas a equipe tentava assegurar o entendimento de que o encontro era pacífico. Depois desse encontro a Frente de Contato iniciou novamente a interdição da área; depois de dez anos da primeira interdição, onde os fazendeiros tentaram mais uma vez desfazer a versão da FUNAI, afirmando que o órgão público estaria colocando índios atores, em vez de índios de recente contato. Logo depois desse episódio, a Polícia Federal de Rondônia abriu o inquérito para investigar a possível denúncia de genocídio contra os índios, pois os fazendeiros levavam índios de outras etnias gripados e contaminavam os kanoê, que ainda eles não eram imunizados contra essa doença (REEL, 2011).

Daí a equipe da Frente de Contato da FUNAI passou a ser frequente nessa relação com os índios ali presentes, pois tinha mais um desafio que era tentar identificá-los etnolinguisticamente; tiveram que encontrar alguns intérpretes, onde foram feitas várias tentativas com diversos povos, mas sem resultados, pois ainda a língua era desconhecida; foram feitas várias gravações para tentarem um possível intérprete. Quando foi localizado na Terra Indígena Rio Guaporé, um senhor de 70 anos, que ouviu a gravação, e conseguiu interpretar algumas palavras coletadas pela indigenista Inês Hargreaves, onde foi constatado que eram da mesma etnia do senhor Munuzinho Kanoé, uma língua considerada já em fase de extinção (REEL, 2011).

1.3 As comunidades Kanoê e suas culturas materiais e não-materiais

Os Kanoê estão divididos em dois grupos: os Kanoê do Vale do Guaporé e os Kanoê do Omerê. Culturalmente os Kanoê partilham traços comuns ao “complexo cultural do Marico” como a confecção de maricos, preparo e consumo de *tseró* ‘chicha’, rituais de pajelança e consumo de rapé, cerâmica simples e cestaria cilíndrica trançada, tecelagem de redes de fio de algodão, cultivo de amendoim, macaxeira, milho, cará, taioba, batata-doce, pimenta, algodão e tabaco. Quanto à espiritualidade, os espíritos Kanoê são denominados de *moãs* e estão relacionados aos fenômenos da natureza (água, árvores, fogo, mel, pedra,

trovão), alguns sendo homenageados com festas como o “deus do milho” Kwaryry, na ocasião da colheita do milho verde (Anexo fotos de artesanato e confecção de Yky ´marico”).

Especificamente, os Kanoé do Omerê usavam vários colares multicoloridos. Também usam um chapéu típico, do mesmo formato do chapéu do homem branco, porém confeccionado com talas vegetais de palmeiras entrelaçadas. Apesar do pouco contato com a sociedade não-indígena, os parentes kanoê recém contatados ainda preservam seus hábitos tradicionais de caça e pesca usando arco e flechas, como sua arma predileta. Também têm seus costumes de comer sua caça assada, moqueadas com mandioca, de acordo com os hábitos dos seus antepassados. Eles também cultivam alguns produtos em suas roças como o milho, a mandioca, o cará, a batata entre outros.

Os indígenas do Rio Branco ainda carregam alguns costumes da cultura de seus antepassados, apesar de serem monolíngues em língua portuguesa; praticam alguns hábitos como confeccionar flechas, anéis, colares, brincos, a pintura corporal, caçar com espingarda e pescar usando arco e flecha, de acordo com seus costumes tradicionais.

1.4 A língua Kanoê

Rodrigues (1986), no capítulo de seu livro “Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas, inclui a língua Kanoê ou Kapixaná no conjunto de línguas isoladas do Brasil, ao lado do Trumai, do Tikúna, do Kwazá (Koaiá), do Aikanã, do Irantxi e Minkí, do Jabuti e Arikapú, e do Awakê e do Máku. Sobre a língua Kanoê, Rodrigues (1986) observou que os seus poucos falantes (cerca de 20), na época, “parecem estar hoje espalhados em diversas partes do novo estado, uns perto de Porto Velho, outros próximos a Guajará-Mirim, outros ainda no Posto Indígena Guaporé. Também de sua língua não existe ainda nenhum estudo.”

Em 1991, Bacelar iniciou o projeto Análise e Documentação da Língua Kanoê, vindo a defender sua dissertação de Mestrado, intitulada “Fonologia Preliminar da Língua Kanoê”, em maio de 1992, no Mestrado em Linguística da Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues. Este foi o primeiro estudo linguístico realizado sobre a língua Kanoê. Bacelar deu continuidade a sua pesquisa, realizando um doutorado em NIJMEGEN, Holanda, defendendo sua tese Gramática da língua Kanoê, em 2004. Bacelar publicou ainda vários artigos sobre a fonologia e os aspectos da gramática Kanoê e materiais de apoio ao ensino da língua Kanoê, mas interrompeu seu trabalho de campo e sua pesquisa

na última década. Os estudos de Bacelar sobre a língua Kanoê serão fundamentais para a análise dos materiais sobre os quais trata este trabalho.

A língua Kanoé é falada por apenas cinco falantes, três dessas pessoas residem na Frente de Proteção Etnoambiental Omerê, Txinamanty Kanoê, 55 anos, Purá, 49 anos, e Bukwá, 20 anos; e os outros dois, Francisco Kanoê, 101 anos, e Julio Kanoê, 99 anos, residem nas margens do Rio Guaporé, nas aldeias Ricardo Franco e Sagarana respectivamente.

A língua Kanoé tem sido classificada como “isolada” (vide RODRIGUES: 1986 e ADELAR, 1991), Greenberg (1990: 34, 49 e 55); Prace (1978) supôs ser uma das línguas da família Nambiquara. Com efeito, Greenberg (1997, pp. 94-98) apresenta algumas evidências de que os Kanoé possam pertencer ao tronco Macro Tucano, mas que são insuficientes para assegurar tal classificação. Do ponto de vista tipológico, o Kanoê é uma língua morfologicamente aglutinante, de modo que as palavras – principalmente os verbos – são formadas por sequências de partículas, morfemas significantes. Conforme Bacelar (2010),

Sendo uma língua "isolada", é uma maneira única de codificar em palavras as relações com o meio-ambiente, as mais variadas relações entre os membros da comunidade que a desenvolveu, nas mais diversas atividades individuais e coletivas. Isso quer dizer que, como primeiro instrumento de comunicação e expressão, individual e coletiva, antes de tudo a língua Kanoé é um produto histórico e etnosocial do povo Kanoé. Assim sendo, é o suporte intelectual da cultura material e da sabedoria acumulada pelo povo Kanoé desde seus ancestrais (In: www.museudoindio.gov.br. Acesso em 10 de jan. de 2022).

1.5 Perfil Tipológico da Língua Kanoê

Conforme relatório do perfil tipológico da língua Kanoê, há uma complexidade gramatical inerente ao funcionamento da língua no uso efetivo de fala ou das necessidades expressivas individuais. Vejamos alguns desses aspectos fonético/fonológicos, morfológicos, morfossintáticos, sintáticos e semânticos:

1) Fonética e Fonologia: a língua Kanoê possui 28 fonemas, 12 fonemas consonantais, 2 semiconsoantes e/ou semivogais /j/ e /w/ e 14 vocálicos, sendo 7 vogais orais e 7 vogais nasais.

Para a escrita da língua Kanoê, esses fonemas são representados pelas seguintes letras e alguns dígrafos, a saber:

1. As vogais orais:

a ä e i y o u

2. As consoantes:

p d t k m n ñ v ts tx r h j w

Observação: As vogais nasais são representadas na escrita com o acréscimo de um til (~).

Sobre as letras das vogais orais, exceto äñ que, por já possuir um trema (¨), o ‘a’ passa a ser seguida por um ‘n’ que representa a nasalidade.

ã äñ ë ï ÿ õ õ ù

O Kanoê é uma língua que possui o acento tônico na última sílaba:

Ava [a'wa] 'arara'; **mapi** [ma'pi] 'flecha'; **kometa** [kome'ta] 'feijão'

2) Quanto à morfologia, o Kanoê é uma língua aglutinante com predomínio da sufixação, sendo as palavras formadas por raízes simples como: “é” para a palavra ‘mulher’, justaposição kwini äky ‘peixe jatuarana’ e sufixação atititekwa ‘arroz’. Há um sistema de classificadores nominais na morfologia nominal que se mostra como um aspecto complexo na língua Kanoê, sendo muitos classificadores lexicalizados, e por outro lado uma lista de classificadores nominais fáceis de serem percebidos como o classificador para líquidos -mũ: kopekomũ ‘café’; mutyrykomũ ‘vinho de açaí’; äjmũ ‘chá de folha’.

Exemplos de estruturas verbais do Kanoê, que marcam tanto o sujeito como o objeto:

a) Aijte	kwini	poõere
1PL	pescando	estamos
‘nós estamos pescando’		

(marca de pessoa dentro da estrutura verbal)

b) Aj	atiti	oõtiõere
1S	milho	comer
‘eu estou comendo milho’		

(marca do objeto na estrutura verbal).

O kanoê possui um sistema de classes de raízes verbais pela ocorrência ou não dos morfemas -ro e -to:

a) Aj	mĩ	memuroõere
1S	2S	gostar

´eu gosto de você´
 b) Aj mi varaõropetoõere
 1S 2S falar
 ´eu estou falando com você´

3) Quanto à sintaxe o Kanoê é uma língua cuja ordem sintática predominante e mais frequente é SOV (Sujeito + Objeto + Verbo), apesar de em alguns momentos aceitar construções com SVO como na ordem canônica do Português do Brasil (PB), conforme exemplos:

a) Kanĩ ava tseretonere
 Menino arara olhando
 ´o menino está olhando a arara´
 SUJEITO OBJETO VERBO

1.6 O projeto de Alfabetização e documentação da língua Kanoê

Em 25/02/2010 a 13/03/2010 no projeto do Prodoclin na Frente de Proteção Etnoambiental do Omerê foram realizadas oficinas de produção de documentação da língua e cultura do povo Kanoê e elaboração de material didático com os três Kanoê isolados que receberam a visita dos outros dois falantes dessa língua, Francisco Kanoê (T.I. Rio Guaporé) e Júlio Kanoê (T. I. Sagarana), acompanhados pelo Cacique José A. Kanoê, Nuzia Makuráp e Natasha Kanoê. Participaram das oficinas os servidores locais da Funai: Samuel Aikanã, Adonias Makuráp, Jorgani (não-indígena) e Adriano (auxiliar de enfermagem Funasa).

Na oportunidade, o linguista Laércio N. Bacelar apresentou quatro volumes do Vocabulário Ilustrado Kanoé-Português e a nova versão da Cartilha Escolar ‘Kapeãw Kanoé Vararoe!’ (trad. Vamos Falar Kanoé!); o alfabeto proposto para a língua, discutido e reajustado desde agosto de 2008. Além disso, ministrou nove aulas de Kanoé, auxiliado por Purá.

Foram realizadas diversas atividades para resgate de elementos culturais da etnia, tal como a confecção de maricos, cestos, narração de histórias, danças e etnomedicina. Laércio e José Augusto Kanoé discutiram ainda a adaptação de empréstimos linguísticos do Português ao Kanoé, face às necessidades atuais na comunidade do Vale do Guaporé. Nessa etapa, o jovem Gilmar Ferreira da Silva, Bolsista Auxiliar de Pesquisa, atuando como cinegrafista e fotógrafo registraram 14 horas de gravação em DVD e cerca de 1500 fotos.

Entre 20/02/2010 a 06/04/2010: na aldeia Ricardo Franco, na Terra Indígena Rio Guaporé, Gilmar Ferreira da Silva – atuando como cinegrafista e fotógrafo – registrou imagens do dia a dia dos Kanoé no convívio com as demais etnias que habitam a mesma aldeia. Fotografou as famílias Kanoé e acompanhou José Augusto Kanoé no desenvolvimento de algumas atividades, especialmente para o Projeto. Infelizmente, o excesso de chuvas – muito acima da média – prejudicou muitas das atividades antevistas, de tal sorte que nem tudo que havia sido vislumbrado pôde, de fato, ser realizado. De qualquer forma, foram obtidas mais 14 horas de gravações em fitas mini-DVD e, aproximadamente, 2000 fotos locais, desde a viagem de ida até a de retorno, conforme consta em Bacelar (2014).

Essas teriam sido as últimas oficinas para a produção de material didático até então existentes na língua Kanoê. Exceto a última oficina realizada por Cabral, Aquino, Fernando Kanoê, Misma Kanoê, Pura Kanoê, Txinamanty Kanoê e Bukwa Kanoê em fevereiro de 2020, durante 14 dias, na qual se elaborou um material de apoio para a Alfabetização em Kanoê com listas de palavras na ordem alfabética dos encontros silábicos possíveis na língua Kanoê.

1.7 O projeto de imersão na língua Kanoê

O nosso trabalho realizado com os parentes tem, como processo de ensino aprendizagem, o objetivo de ensinar a língua portuguesa e aprender a língua Kanoé. E como os falantes são praticamente monolíngues no Kanoê, estamos trabalhando na alfabetização usando materiais que foram produzidos com e por eles anteriormente juntamente com o linguista Laércio Bacelar, com algumas palavras na língua com nomes de objetos, animais, plantas e outros. Esse método de ensino utilizado na alfabetização usa as palavras da própria língua e tem gerado grandes resultados no aprendizado deles. Apesar de eles não compreenderem bem o português, eles mostram muito interesse em aprender a ler, escrever e conhecer os números da sociedade não indígena, apesar de ter seus próprios métodos de contagem. Durante o processo de ensino e aprendizagem, obtivemos muitos conhecimentos do nosso povo, da cultura, dos costumes e de algumas plantas medicinais, que são essenciais para o fortalecimento da cultura do povo.

Como o foco da pesquisa é aprender a língua Kanoê, para que haja transmissão intergeracional às crianças e jovens Kanoê que não mais falam o idioma de seu povo, está sendo desenvolvido juntamente com os falantes da Frente de Proteção Etnoambiental do Omerê e os parceiros (OPAM e LALLI/UNB), além dos recursos da FUNAI, um projeto de

imersão cultural e linguística que segue um dos seguintes pressupostos já obtidos em outros projetos de imersão fora do Brasil, mais precisamente na Califórnia (EUA), com o povo Yolumne Yokuts entre outros como washoe, havasupai, hupa e karuk, por HINTON (2002), conforme segue:

Para aprender ou ensinar uma língua de herança é preciso desvencilhar-se do português durante o trabalho em conjunto da equipe. A ideia central é que as pessoas aprendem melhor quando estão envolvidas pela língua, quando não escutam nada em português e não traduzem do português para a língua (HINTON, 2010. Tradução CABRAL, julho 2020, p. 33).

Também aprendemos ao escutar a língua de forma que possamos entender o significado geral pelo contexto, pelos gestos e pelas atividades (CABRAL, julho 2020, p. 33).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS

2.1 Objetivos da pesquisa

O objetivo principal desta pesquisa é analisar criticamente o material didático disponível para os aprendizados das línguas Kanoê e Português do Brasil (PB) que vem sendo utilizados em partes e/ou integralmente ao longo dos projetos de alfabetização e ensino dessas línguas entre o povo Kanoê das diversas T. I., onde atualmente encontram-se; todavia, este trabalho dará atenção ao uso desses materiais durante o atual projeto de imersão que está ocorrendo na T. I. Omerê com reverberações na T. I. Ricardo Branco por meio do ensino da língua Kanoê às crianças em casa e na escola, com a possibilidade de que venha a existir um ninho de língua Kanoê na T. I. Omerê e na T. I. Rio Branco.

Além do objetivo principal, ocorrem os objetivos paralelos como: mostrar a situação sociolinguística da língua Kanoê, principalmente dos Kanoê das Terras Indígenas Rio Omerê e do Rio Branco, visto serem esses os dois grupos atualmente envolvidos no projeto de imersão para ensino-aprendizagem das línguas Kanoê e PB.

O grande interesse em desenvolver este trabalho é por haver uma grande preocupação com a situação sociolinguística entre o nosso povo, pois a maioria da população já não conhece a língua de seus antepassados, visto ser o português do Brasil, - entre o povo Kanoé, a língua de uso exclusivo, exceto nos casos de casamentos interétnicos em que uma das partes aprendeu alguma outra língua indígena de seu ou sua cônjuge que tenha mais força de uso que a, em vias de desaparecimento, língua Kanoê, como no caso da língua Tuparí que

possui muitos falantes e é uma língua de uso corrente entre aqueles que a falam, com maior tendência de transmissão intergeracional. Sendo assim, há tempos que não há transmissão intergeracional da língua Kanoê na T. I. Rio Branco, exceto no clã de Francisco Kanoê no qual há atualmente esforços visíveis e constantes na medida do possível de se revitalizar a língua Kanoê e torná-la de uso corrente como as chamadas línguas vibrantes de uma fogueira.

Dentro da Aldeia São Luís há uma grande carência de línguas indígenas entre as famílias, e o uso do português no seu dia-a-dia se torna prioritário entre elas. Como há miscigenação de povos, as famílias acabam casando com etnias diferentes das delas, configurando casamentos interétnicos.

A causa da realização desta pesquisa foi por conta de que entre meu povo há poucos falantes da língua Kanoé, isso me motivou muito a buscar soluções para a revitalização da nossa língua. Apesar de meus filhos não compreenderem o Kanoé, nós do clã de Francisco Kanoê, sempre estamos buscando soluções para mostrar a importância da língua, que é a nossa identidade, e que devemos aprender o nosso próprio costume tradicional para manter viva a nossa cultura, por essa razão estamos trabalhando firmemente em revitalizar a língua do nosso povo, no processo de ensino-aprendizagem com os últimos falantes da língua, Txinamanty, Pura e Bukwa.

2.2 Procedimentos metodológicos

O projeto de imersão envolve duas ações principais. A primeira delas consiste no desenvolvimento de uma metodologia de ensino-aprendizagem simultânea das línguas Kanoê e do Português do Brasil, ou seja, o ensino do português do Brasil ao pequeno grupo de kanoês monolíngues e a aprendizagem de sua língua pelos pesquisadores Kanoê e não indígenas envolvidos nessa ação. A segunda ação concerne ao ensino da língua Kanoê aos Kanoê que não falam a língua de seus ancestrais. Bem como a alfabetização em língua Kanoê a Pura Kanoê e na medida do possível e conforme necessidade e interesse individual a Bukwa e Txinamanty Kanoê. Esse projeto está em andamento na FPEO (Frente de Proteção Etnoambiental do Guaporé) na Base do Omerê, e não é o foco deste TCC, todavia é durante este projeto, que tem sido realizado o uso, a análise e avaliação do material didático existente para o estudo da língua Kanoê e do PB pelo povo Kanoê tanto do Omerê quanto das demais aldeias pelo Vale do Guaporé onde residem os Kanoê do primeiro contato.

Tendo em vista o desenvolvimento dessa metodologia, faz-se importante tecer considerações acerca do material didático para o ensino de línguas já existente e disponível ao povo Kanoê, tendo sido esse material produzido pelo linguista Laércio Bacelar juntamente ao povo Kanoê do Omerê e das outras aldeias durante as coletas de dados de suas pesquisas de mestrado, doutorado e do projeto de Alfabetização em Português e documentação da Língua e Cultura Kanoê na T. I. Rio Omerê, por Altair Algayer e Laércio Bacelar, em 2013. E também o Material Organizado para servir de apoio à fixação das palavras e sílabas pelos Kanoê (A. Algayer, Pura Kanoê, Txinamanty Kanoê, Bukwa Kanoê, Fernando Kanoê, Misma Kanoê, N. Siqueira, A. Cabral e L. Aquino), elaborado durante o projeto de imersão em fevereiro de 2020.

O estudo da língua Kanoê entre nós Kanoê do antigo contato, infelizmente, não foi preservado na escola indígena de nossa aldeia pelo fato de nós, possíveis professores da língua Kanoê, não termos o domínio pleno da língua Kanoê, mas apenas o conhecimento de algumas palavras, assim, decidiu-se por não se ensinar o pouco que sabíamos nas escolas onde estudam as crianças e jovens Kanoê. Todavia, seguimos fortes e confiantes na intenção de que esse ensino institucionalizado da língua Kanoê passe a existir na escola da T. I. Rio Branco e por isso o projeto de imersão durante o qual foi realizada a análise do material didático disponível para o ensino da língua Kanoê e do PB ao povo Kanoê tem servido a contribuir para a revitalização da língua Kanoê bem como para a criação de bases que fundamentem o ensino da língua Kanoê na escola da T. I. Rio Branco e na Frente de Proteção Etnoambiental Omerê.

Estamos em vias de definir o programa bilíngüe a ser adotado nas escolas em que a língua Kanoê venha a ser ensinada e/ou utilizada como língua de instrução de outras disciplinas culturais ou não entre tantas outras possibilidades para o ensino de línguas indígenas e da própria língua Kanoê, bem como reflexo dessas escolhas são as possíveis metodologias de ensino utilizadas e respectivos materiais didáticos que estarão intrinsecamente ligados e convergentes às escolhas metodológicas anteriormente adotadas. Tais escolhas definem por si as abordagens de ensino utilizadas e os respectivos materiais didáticos utilizados e nem sempre esse planejamento ocorre na ordem ideal que caminha do planejamento (escolhas metodológicas e materiais didáticos) para a ação (ensino da(s) língua(s)).

Em concomitância a isso, este trabalho de análise do material didático possibilita condições que convergem para um melhor entendimento da metodologia de ensino à qual esse material serve; quando o caminho de planejamento é realizado de modo reverso, ou seja, do uso da material e sua análise, em paralelo, para as escolhas das metodologias de ensino adotadas, torna-se possível a elaboração e ampliação do material didático existente, em um caminho de escolhas metodológicas em que o novo some-se ao antigo, mesmo em discordando em partes aquele desse.

Todavia, sem deixar de honrar todo o árduo trabalho já realizado até então, na medida em que o novo não invalide o antigo, mas possa ampliar os horizontes desse, visto que no caso da documentação da língua Kanoê e dos projetos de alfabetização realizados no Omerê houve um intercuro de escolhas metodológicas pelo fato de o linguista responsável até então pela documentação e talvez revitalização dessa língua, bem como pelo ensino do PB ao povo Kanoê do Omerê, ter-se aposentado por motivos de saúde de suas funções no que diz respeito à documentação e ao ensino e revitalização da língua Kanoê (AQUINO, no prelo) e assim como afirma HINTON (Conferência no Campus da Columbia University em 3 de novembro de 2015. Acesso em youtube Leanne Hinton: What counts as a “success” in language revitalization?), o sucesso da documentação é a revitalização, e independentemente das tendências ao fracasso ou ao sucesso da revitalização esses esforços não podem cessar e a palavra de ordem seria não resignação, mas resistência (AQUINO, no prelo).

Assim, este trabalho se propôs a analisar criticamente o material didático já elaborado até então na medida em que este material foi sendo utilizado durante o projeto de imersão atual bem como do histórico de utilização e funcionalidade desse material durante os projetos anteriores de ensino de línguas (PB e Kanoê) na FPETAO. Assim, esta análise tem como objetivo revisar, visitar e guiar as futuras escolhas metodológicas para o ensino e revitalização da língua Kanoê e do PB para o povo Kanoê do Omerê, bem como parte dos planejamentos educacionais e sociolinguísticos relacionados ao povo Kanoê.

2.3 Justificativa

O presente trabalho se justifica pelo meu interesse, de indígena pertencente a este povo, propor o ensino da língua Kanoé para minha comunidade como forma de revitalização da língua e prática linguística de nossa cultura, de forma que se possa fazer com que

utilizemos a nossa língua indígena nas escolas da comunidade e até mesmo nos ambientes familiares por meio da transmissão intergeracional direta de mães e pais para filhos e filhas. Como temos alunos indígenas do grupo suficiente, faz-se necessário trabalhar o ensino da língua com essas crianças de forma concreta, mostrando a importância de se revitalizar a língua dos seus ancestrais.

Bem como este trabalho justifica-se pela corrente necessidade de atualização, revisão e ampliação do material didático existente para o ensino da língua Kanoê e do PB ao povo Kanoê do Omerê.

2.4 Fundamentação teórica

Segundo Campetela (2014), “uma das primeiras considerações a fazer acerca do processo de ensinar / aprender Português como segunda língua entre populações indígenas é a situação linguística, por exemplo, o nível de bilinguismo e as condições de preservação e uso de aspectos culturais envolvidos na rotina e hábitos das mesmas populações. Nesse sentido, seguem algumas considerações acerca dos temas que envolvem e estão interligados (bilinguismo, metodologias de ensino, revitalização linguística) fundamentando por sua vez a análise dos materiais didáticos para o ensino-aprendizagem de línguas PB-Kanoê, foco deste trabalho. Conforme Silva (2000):

fazer uma reflexão sobre o uso das línguas indígenas na escola, sobre as políticas educacionais integracionistas e sobre a política atual, que se fundamenta no paradigma da interculturalidade e do respeito à diferença faz-se importante para a continuidade dos projetos político-pedagógicos que dizem respeito ao ensino das línguas indígenas nas escolas. Assim, tem-se que nos primeiros projetos escolares a intenção era o apagamento da identidade indígena para a nacionalização desses grupos, com um ensino totalmente desvinculado da realidade sociocultural de um povo. Porém críticas foram feitas à época e o SPI inicia um diagnóstico objetivando a criação de uma escola mais voltada à realidade indígena (p. 22-23).

Ainda de acordo com Silva (2000, pp. 2-3), durante o período de atuação do SPI (1910-1967) e depois com a Fundação Nacional do Índio (Funai) (1967- 1971), a educação escolar indígena foi promovida sempre em língua portuguesa, ora por missionários, ora por professores daqueles órgãos. A partir de 1972, a Funai começa a adotar uma outra política educacional, conforme está expresso na Portaria 75N/72, que prescreve a educação nos seguintes termos:

- a) A educação dos grupos indígenas com problema de barreira linguística será sempre bilíngue;
- b) Só será empregada a língua nacional aos grupos indígenas que a tenham como língua habitual, sem prejuízo de se proporcionar o conhecimento das línguas nativas como estruturação suplementar.

Conforme Silva (2000, p. 4), para a efetivação dessa nova política, implantaram-se, pela primeira vez no Brasil, cursos de formação de monitores bilíngues, cujo propósito era ensinar os monitores indígenas a lerem e escreverem em suas línguas maternas, condição essencial para que eles pudessem alfabetizar as crianças nessas línguas. Produziram-se cartilhas, que foram usadas para alfabetizar as crianças. Muitos desses profissionais conseguiram atingir o objetivo de alfabetizá-las, como, por exemplo, os Karajá. Outros, não. Os professores não-indígenas, embora fizessem parte da mesma escola que os monitores, desconheciam a função desses profissionais, como também, na grande maioria, não acreditavam no trabalho deles.

Segundo Silva (2000), os paradigmas da diversidade e da interculturalidade são fundamentos básicos da construção de metodologias de ensino das línguas. Nesse sentido, Interculturalidade é entendida neste trabalho não apenas como um meio que reconhece o valor intrínseco de cada cultura e defende o respeito recíproco entre elas, mas que propõe também enfrentar os conflitos oriundos desse relacionamento, como também as suas riquezas. Nessa direção, a educação intercultural vai além das benevolentes declarações de boa vontade para com a diferença étnica.

No que diz respeito às metodologias utilizadas faz-se importante trazer o conceito de Bakhtin (1997) sobre o fato de que a metodologia de ensino de línguas minoritárias, portanto, não pode ser a da reprodução, mas a que se faz por meio dos enunciados. Bakhtin (1997) faz uma distinção entre enunciado – unidade de troca verbal – e oração – unidade da língua. Para o autor, a oração como unidade da língua é de natureza gramatical e o enunciado de natureza social (Apud SILVA, 2000, p. 4).

As metodologias de ensino de línguas e os materiais didáticos utilizados para o e durante o ensino de línguas, além de todo o processo de desenvolvimento de metodologias que ocorre paralelo às aulas de línguas são fatores importantes de serem considerados neste trabalho pelo fato de estarem intrinsecamente relacionados.

De acordo com Silva (2000, p.5), “palavra é o produto da relação recíproca entre falante e ouvinte, emissor e receptor. Cada palavra expressa o “um” em relação com o outro. Cada sujeito se atribui forma verbal a partir do ponto de vista da comunidade a que pertence e das experiências vividas. O Eu se constrói constituindo o Eu do outro e por ele é constituído.”

Ainda conforme Silva (2000):

Essa concepção sociológica de linguagem favorece a construção de uma metodologia que permite ao professor indígena, desde a alfabetização, trabalhar com projeto de pesquisa com seus alunos, para que eles possam constituir-se criticamente, percebendo a realidade em que estão inseridos, mudando-a, caso isso seja importante. Nessa direção, torna-se fundamental que o professor traga para a sala de aula particularidades discursivas e linguísticas das línguas usadas pelos alunos, a fim de incentiva-los tanto para lê-las quanto para conhecê-las cada vez mais, estabelecendo assim motivações para perguntas, questões, comparações, indagações, ou seja, para a pesquisa e a criatividade, sendo que essa metodologia pode favorecer a revitalização das línguas indígenas. O uso de texto na sala de aula e fora desse contexto é outro recurso didático importante na revitalização do prestígio da língua, pois favorece a participação de todos os falantes (p.6-7).

Segundo Bentes (2001), “o sentido do texto não está nele próprio, mas em vários outros fatores: linguísticos, cognitivos, socioculturais, interacionais. Para Koch & Travaglia (1989), a textualidade é aquilo que faz de uma sequência linguística um texto e não um amontoado aleatório de palavras.”

Nesse mesmo artigo, Silva (2000, p. 11) afirma que:

A alternância de línguas como recurso para o ensino bilíngue é defendido por Mello (2002), que sustenta seu pensamento nas seguintes noções: a) toda e qualquer enunciação resulta da interação social, isto é, de um processo dialógico (BAKHTIN, 1992); b) todo e qualquer conhecimento é socialmente construído com base em interações sociais e em práticas linguísticas que os indivíduos estabelecem com seus pares (VYGOSTSKY, 1993); c) a mediação é um dos fatores que leva ao desenvolvimento (VYGOSTSKY, 1978); e d) os conhecimentos anteriormente adquiridos servem de base para a interpretação de novos conhecimentos (CUMMINS, 1996, apud SILVA 2000, p. 11).

Como o contexto de ensino da língua Kanoê no projeto de imersão da T. I. Omerê dá-se em uma situação de bilinguismo, ou seja, os falantes fluentes de Kanoê que estão sendo alfabetizados e complementando os estudos da língua portuguesa do Brasil, tanto na oralidade quanto na escrita, já possuem pleno conhecimento da língua Kanoê falada, todavia estão a aprender a escrita de sua língua indígena materna, assim as aulas acontecem no PB com alternâncias naturais e frequentes de situações de bilinguismo PB-Kanoê, tendo em vista essa

característica do contexto em questão, é importante tecer aqui alguns comentários acerca dos conceitos de bilinguismo adotados para proceder às análises dos materiais didáticos.

Bloomfield define bilinguismo como “o controle nativo de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1935, apud HARMERS e BLANC, 2000:6). Opondo-se a esta visão que inclui apenas bilíngues perfeitos, Macnamara propõe que “um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa” (MACNAMARA, 1967 apud HARMERS e BLANC, 2000, p. 6). Entre estes dois extremos encontram-se outras definições, como por exemplo, a definição proposta por Titone, para quem bilinguismo é “a capacidade individual de falar uma segunda língua obedecendo às estruturas desta língua e não parafraseando a primeira língua” (TITONE, 1972 apud HARMERS e BLANC, 2000, p. 7).

Mackey (2000; in MEGALE, 2005) pondera que ao se definir bilinguismo devem-se considerar quatro questões:

- A primeira é referente ao grau de proficiência, ou seja, o conhecimento do indivíduo sobre as línguas em questão deve ser avaliado. Dessa forma, o conhecimento de tais línguas não precisam ser equivalente em todos os níveis linguísticos. O indivíduo pode, por exemplo, apresentar vasto vocabulário em uma das línguas, mas, nela apresentar pronúncia deficiente. – A segunda questão proposta por Mackey destaca a função e o uso das línguas, isto é, as situações, nas quais o indivíduo faz uso das duas línguas, também devem ser objeto de estudo ao conceituar o bilinguismo. – A terceira questão levantada diz respeito à alternância de código.

Segundo Mackey deve ser estudado como e com qual frequência e condições o indivíduo alterna de uma língua para outra.

Segundo Megale (2005), Harmers e Blanc (2000) não se deve ignorar o fato de que bilinguismo é um fenômeno multidimensional e deve ser investigado como tal. Consideram, assim, importante analisar seis dimensões ao definir bilinguismo: competência relativa; organização cognitiva; idade de aquisição; presença ou não de indivíduos falantes da L2 no ambiente em questão; status das duas línguas envolvidas e identidade cultural. A partir desse foco os autores propõem uma discussão teórica bastante ampla e bem detalhada acerca do tema bilinguismo.

Assim, com relação à competência relativa, tem-se que Txinamanty e Purá são bilíngues dominantes em L1, pois possuem competência maior na língua Kanoê; já Bukwa, é um bilingue balanceado, possuindo um grau de competência equivalente PB – Kanoê. Tais falantes aprenderam as línguas em contextos e idades geracionais diferenciadas, devido a isso essas diferenças são visíveis e audíveis entre Txinamanty e Purá, como formando um grupo dos guardiões mais conservadores da língua Kanoê, e Bukwa, em sua individualidade e como sendo membro representante de uma nova geração Kanoê, revelando o lado menos conservador em alguns aspectos da língua Kanoê, quando muitas vezes corrigido em sua pronúncia e lembrado de alguns vocabulários por seu tio Pura e sua mãe Txinamanty e quando pronuncia por exemplo a palavra opekomũ para ‘café’, quando antes essa mesma palavra era dita e foi grafada em trabalhos anteriores como kopekomũ, configurando-se como um caso de variação e/ou mudança linguística (AQUINO, 2022, no prelo).

Segundo esses mesmos autores citados em Megale (2005), a idade de aquisição das línguas é considerada de extrema importância, pois afeta diversos aspectos do desenvolvimento do indivíduo bilíngue, como por exemplo: o desenvolvimento linguístico, neuropsicológico, cognitivo e sociocultural. Conforme aponta Wei (2000),

De acordo com a idade de aquisição da segunda língua, dá-se o bilinguismo infantil, adolescente ou adulto. No infantil, o desenvolvimento do bilinguismo ocorre simultaneamente ao desenvolvimento cognitivo, podendo conseqüentemente influenciá-lo. O bilinguismo infantil subdivide-se: em bilinguismo simultâneo e bilinguismo consecutivo. No bilinguismo simultâneo, a criança adquire as duas línguas ao mesmo tempo, sendo expostas às mesmas desde o nascimento. Por sua vez, no bilinguismo consecutivo, a criança adquire a segunda língua ainda na infância, mas após ter adquirido as bases linguísticas da L1, aproximadamente aos cinco anos. Quando a aquisição da L2 ocorre durante o período da adolescência, conceitua-se este fenômeno como bilinguismo adolescente e por bilinguismo adulto, entende-se a aquisição da L2 que ocorre durante a idade adulta (p. 17).

Conforme essas distinções, tem-se que Bukwa possui um bilinguismo infantil simultâneo, pois nasceu em 2002, após o contato em 1995; já Txinamanty e Pura possuem o bilinguismo adulto, pois quando tiveram o contato com o PB já estavam com seus 30 e 27 anos respectivamente.

Ainda conforme Harmers e Blanc em Megale (2005):

de acordo com a presença ou não de indivíduos falantes da L2 no ambiente social da criança que está adquirindo esta língua, classifica-se o bilinguismo

como endógeno ou exógeno. No bilinguismo endógeno, as duas línguas são utilizadas como nativas na comunidade e podem ou não ser utilizadas para propósitos institucionais. No bilinguismo exógeno, as duas línguas são oficiais, mas não são utilizadas com propósitos institucionais (p. 12).

A situação dos Kanoê do Omerê não se configura nem como de uma situação nem de outra, visto que essas características parece se tratar de bilinguismo infantil, para Txinamanty e Pura, já para Bukwa a característica seria de um bilinguismo endógeno sendo que para ele as duas línguas, tanto Kanoê quanto PB são línguas nativas e que podem possuir ou não uso institucional com toda a liberdade em que as situações bastante atípicas de todo o histórico de contato do povo do Omerê propõem (AQUINO, 2022, no prelo).

E para finalizar, em Megale (2005), Harmes e Blanc situam a situação de bilinguismo quanto ao status da língua e ao contexto cultural. De acordo com o status atribuído a estas línguas na comunidade em questão, o indivíduo desenvolverá formas diferenciadas de bilinguismo. Assim,

A primeira delas é o bilinguismo aditivo, na qual as duas línguas são suficientemente valorizadas no desenvolvimento cognitivo da criança e a aquisição da L2 ocorre, conseqüentemente, sem perda ou prejuízo da L1. No entanto, na segunda forma de aquisição, denominada bilinguismo subtrativo, a primeira língua é desvalorizada no ambiente infantil, gerando desvantagens cognitivas no desenvolvimento da criança e neste caso durante a aquisição da L2 ocorre perda ou prejuízo da L1 (p. 14).

No caso de Bukwa, ocorreu um bilinguismo aditivo, pois sua mãe Txinamanty e seu tio, Pura, nunca deixaram de falar com ele na língua Kanoê enquanto ele estava imerso no ambiente multilíngue Kanoê-PB-Akuntsum (AQUINO, 2022, no prelo).

Conforme Megale (2005),

Quanto ao contexto cultural em que se dá o bilinguismo, tem-se que indivíduos bilíngues podem ser diferenciados em termos de identidade cultural obtendo-se bilíngues biculturais, monoculturais, aculturais e desculturais. Como bilinguismo bicultural entende-se o indivíduo bilíngue que se identifica positivamente com os dois grupos culturais e é reconhecido por cada um deles. No bilinguismo monocultural, o indivíduo bilíngue se identifica e é reconhecido culturalmente apenas por um dos grupos em questão. Deve ser ressaltado que um indivíduo bilíngue pode ser fluente nas duas línguas, mas se manter monocultural. Já ‘acultural’ é considerado o indivíduo que renuncia

sua identidade cultural relacionada com sua L1 e adota valores culturais associados ao grupo de falantes da L2. Finalmente, o bilinguismo ‘descultural’ se dá quando o indivíduo bilíngue desiste de sua própria identidade cultural, mas falha ao tentar adotar aspectos culturais do grupo falante da L2 (p.10-11).

Conforme Aquino (2022, no prelo):

Os Kanoê do Omerê, apesar de algumas perdas culturais, como das vestimentas, adereços e adornos típicos, cantos e danças, ainda preservam muitos outros traços e comportamentos de sua cultura ancestral, como a caça com arco e flecha, aspectos culinários, uso do rapé e pajelança por Txinamanty etc, e por isso não seria adequado considerá-los como ‘aculturais’ ou ‘desculturais’, nem mesmo como monoculturais por também terem aderido mesmo que particularmente e com determinadas adaptações a certos comportamentos da cultura não-indígena, como vestimentas, programas de televisão, hábitos culinários do consumo de açúcar e café, uso de produtos de higiene como sabonetes etc., sendo assim o que os caracteriza é a coexistência por oras conflitante por oras harmônica das duas culturas Kanoê e não-indígena e Kanoê e não-Kanoê, visto ser a base do Omerê um contexto multicultural por onde passam vários povos indígenas da região e não-indígenas pesquisadores, servidores da Funai e pessoas a serviço da Frente.

Conforme Megale (2005, p. 7), “ao classificar indivíduos como bilíngues ou monolíngues, a dimensão ou as dimensões analisadas para tal classificação deve ser expostas, facilitando, assim, o entendimento não só de quem está sendo classificado, como também de todos que se encontram de alguma forma envolvidos na questão.”

Segundo Aquino (2022, comunicação oral):

Também é interessante abordar a questão da educação bilíngue e os objetivos dessa no contexto em questão, pois ter clareza de tais objetivos clareia também as águas do rio do material didático a ser utilizado, o qual estará intrinsecamente ligado aos objetivos propostos. Assim, tem-se que o atual objetivo do programa é promover o bilinguismo total bi-letrado no qual todas as habilidades são desenvolvidas nas duas línguas em todos os domínios.

Assim, faz-se importante também tecer algumas considerações sobre a metodologia de ensino na qual este trabalho se fundamenta, bem como considerações acerca da avaliação dos materiais didáticos, tema proposto neste trabalho.

Para Megale (2005, p. 7), “[...] educação bilíngue pressupõe conceitos distintos em países e contextos diferenciados em função de questões étnicas, dos próprios educadores e legisladores e de fatores sociopolíticos.” Tal educação pode acontecer de maneira monolíngue na língua minorizada e ou minoritária ou na língua da população dominante ou ainda nas duas ou mais línguas, pois vê-se que o caso do Omerê seria o de um contexto multilíngue, onde três línguas são faladas além das outras tantas dos demais povos que passam temporadas de serviço na Base de Proteção Etnoambiental Omerê (Aquino, 2022, comunicação oral).

Conforme D’Angelis (2002, p. 6), “Identidade étnica quer dizer a identidade da própria etnia”. Ou seja, como é que um povo se vê. O que ele pensa de si mesmo. Etnia é a forma de uma cultura. Não é uma “raça”, mas a maneira própria de cada povo, o que quer dizer, normalmente, uma língua própria, costumes próprios, uma tradição histórica, religião própria, seus próprios contos, suas práticas culinárias (comidas) ou de vestimenta, suas festas, suas etiquetas sociais. É claro que duas etnias, isto é, dois povos diferentes, podem ter certas festas iguais, ou certos costumes de alimentação iguais, ou certas histórias iguais, ou mesmo, ter a mesma língua, e ainda assim serem etnicamente diferentes, isto é, serem etnias diferentes, dois povos diferentes. E cada povo costuma mostrar uma série de coisas como parte da sua “identidade”.

A identidade é a apresentação da pessoa ou do povo. Cada pessoa tem sua identidade pessoal (porque as pessoas não são iguais, mesmo dois irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe), mas uma parte muito importante da identidade de uma pessoa é a identidade do seu grupo ou do seu povo. Da maneira como um povo – uma etnia – vê e valoriza a si mesmo. É só em situações de muito sofrimento e perseguição que as pessoas começam a querer trocar a sua identidade, e às vezes, chegam a ter vergonha da sua história, da sua gente, das formas próprias de vida criadas por seus antepassados. O abandono da língua materna pode ser provocado pela tentativa de fuga de uma identidade socialmente marcada como negativa (como se disse acima, por exemplo, a identificação como “bugre” no meio da sociedade dos não-índios) e a busca de outra identidade, de alguma forma externamente valorizada e vantajosa: de “civilizado”, de “católico”, de “crente”, etc. Essa fuga, com muita frequência, não é bem sucedida: com o tempo a pessoa descobre que não falar a língua indígena, ou falar bem o português, não dão nenhuma garantia de valorização ou de não-discriminação a ninguém. Os não-índios discriminam os indígenas por outros motivos, e não pelo fato de falarem sua língua. Para os preconceituosos, o fato de que um índio fale bem o português não muda nada (D’Angelis, 2002, p. 100).

Segundo Isidoro e Neves (2020), os materiais didáticos e paradidáticos específicos às realidades socioculturais dos povos indígenas têm o importante valor social da autoria, fundamentados em pesquisas feitas com os sábios das comunidades durante os cursos de formação docente. É necessário que sejam ampliados os recursos no MEC e os Sistemas de Ensino para a produção desses materiais, priorizando-se os anos finais do ensino fundamental e ensino médio. É necessário também que o Ministério da Educação e os Sistemas de Ensino criem mecanismos que garantam a qualidade desses materiais de modo que as comunidades disponham de obras relevantes que atenda tanto a suas necessidades de suporte pedagógico quanto de produção literária para a afirmação dos saberes e valores culturais.

3. Descrição e análise do material didático

Atualmente há disponível ao povo Kanoê os seguintes materiais didáticos que servem de base e apoio para o estudo e ensino da língua Kanoê e do PB ao povo Kanoê do Omerê e das demais T. I., onde se encontram os Kanoê do antigo contato:

1- Bacelar, 2010. Kapeãw Kanoê Vararoe! Primeira Cartilha Escolar da Língua Kanoê. Versão revista e ampliada. Prodoclin Documentação de Línguas Indígenas; Museu do Índio; FUNAI; UNESCO;

2- Bacelar e Silva, 2010. Vocabulário Ilustrado Kanoê-Português (organizado em campos semânticos). Volume 1 – vegetais em geral. Goiânia. Prodoclin, Museu do Índio, FUNAI, UNESCO;

3- Bacelar e Silva, 2010. Vocabulário ilustrado Kanoê-Português (organizado em campos semânticos). Volume 2 – Peixes. Goiânia. Prodoclin, Museu do Índio, FUNAI, UNESCO;

4- Bacelar e Silva, 2010. Vocabulário Ilustrado Kanoê-Português (organizado em campos semânticos). Volume 3 – Indumentária e Adereços, Armas e Utensílios, Elementos da Natureza. RJ. Prodoclin, Museu do Índio, FUNAI, UNESCO;

5- Bacelar e Silva, 2010. Vocabulário Ilustrado Kanoê-Português (organizado em campos semânticos). Volume 4 – Corpo Humano e Animais. Goiânia. Prodoclin, Museu do Índio, FUNAI, UNESCO;

6- Bacelar, 2013. Kapeãw Kanoê Vararoe! Primeira Cartilha Escolar da Língua Kanoê. Volume 2. Prodoclin Documentação de Línguas Indígenas; Museu do Índio; FUNAI; UNESCO, Banco do Brasil, SAMI e Governo Federal do Brasil;

7- Bacelar, 2014. Vamos ler e escrever em português 1: Cartilha de Alfabetização para a etnia Kanoê. Volume 1 de A até I. 2. Edição revisada. BH/T.I. Omerê;

8- Bacelar, 2014. Vamos ler e escrever em português 2: Cartilha de Alfabetização para a etnia Kanoê. Volume 2 de J até Q + Algarismos/Números. 2. Edição revisada. BH/T.I. Omerê;

9- Bacelar, 2014. Vamos ler e escrever em português 3: Cartilha de Alfabetização para a etnia Kanoê. Volume 3 de R até Z. 2. Edição revisada. BH/T.I. Omerê;

10- Cabral et al., 2020. Material organizado para servir de apoio à fixação das palavras e sílabas pelos Kanoê. Frente de Proteção Etnoambiental Omerê.

Além desses materiais didáticos, há também para estudos e ensino complementares da língua Kanoê e do PB aos Kanoê:

1- Bacelar, 2004. Gramática da Língua Kanoê: descrição gramatical de uma língua isolada e ameaçada de extinção, falada ao sul do Estado de Rondônia, Brasil. Katholieke Universiteit Nijmegen, Holanda;

2- Bacelar, 2007. Dicionário Etnolinguístico Português-Kanoê. Frente de Proteção Etnoambiental Guaporé: Projeto de Alfabetização em Português e Documentação da língua e da cultura Kanoê na T. I. Rio Omerê. Goiânia.

A partir dos usos desses materiais durante os primeiros projetos de documentação da língua Kanoê e alfabetização em PB realizados ao longo dos anos de 2010 a 2021 ao povo Kanoê do Omerê com a participação dos Kanoê do antigo contato, principalmente os seguintes Kanoê que estiveram presentes: (Munuzinho Kanoê, Tereza Kanoê, Rui Kanoê, José Augusto Kanoê, Sebastião Kanoê, Francisco Kanoê, Fernando Kanoê), teçi algumas descrições e considerações acerca dos materiais, conforme segue.

A primeira análise (leitura crítica do material) foi feita sobre o seguinte material: Bacelar (2014). Vamos ler e escrever em português 1: Cartilha de Alfabetização para a etnia

Kanoê. Volume 1 de A até I. 2. Edição revisada. BH/T. I. Omerê. Essa cartilha que forma o conjunto de três volumes das cartilhas para o aprendizado da língua Português do Brasil (PB) pelos Kanoê do Omerê bem como possibilita de maneira indireta o aprendizado da língua Kanoê em partes por estar escrita e ter como foco e objetivo a alfabetização na e da língua portuguesa apoiando-se no método da tradução das palavras do português para a língua Kanoê, bem como de um breve estudo comparativo na medida das semelhanças e diferenças entre essas duas línguas, mas de maneira bastante inconsciente por parte do aprendiz.

Nesse sentido, esse primeiro volume da Cartilha de Alfabetização em Língua Portuguesa inicia-se por meio da apresentação das vogais nasais da língua kanoê; na p. 8 há palavras em português (língua alvo) e em Kanoê (língua de apoio), tornando-se importante para o início da alfabetização tanto na língua Kanoê quanto no PB, com algumas atividades de prática da habilidade escrita por meio da cópia de palavras, tendo que ao mesmo tempo se aprende Kanoê e também o PB. Assim, para a alfabetização das crianças e adultos é muito importante. Na p. 9 há a continuação de algumas palavras de frutas, animais sempre a partir do foco no ensino-aprendizagem do PB estando a tradução para o Kanoê como um tratado necessário para o entendimento do PB por parte do Kanoê que utilize esse material como base para o aprendizado do PB. Há palavras que são importantes para o aprendizado do PB; na p. 17 há a repetição de sílabas do PB que são relevantes para a aprendizagem dos Kanoê que não falam muito bem o português, notei relevante os exemplos silábicos na p. 36, onde são apresentadas as sílabas FLA a FLU que contrastam a inexistência desses sons, /f/ e /l/, na língua Kanoê, mas presentes no PB, e devido a essas diferenças entre as línguas em questão é que acontecem determinadas dificuldades de pronúncia de tais elementos fonéticos por parte dos Kanoê que tem como L1 a língua Kanoê, daí a importância de o material didático tratar desse ensino contrastivo entre as línguas que estão em jogo, apesar de não ser a metodologia central adotada (estudo contrastivo) para a elaboração desse material didático em questão, parênteses são abertos em meio ao método predominante da tradução utilizado. Um outro ponto interessante de se considerar que notei ao realizar a leitura crítica dessa primeira cartilha é que os exercícios se repetem no mesmo padrão de exercício mudando apenas as letras em estudo, visto que essa cartilha segue a ordem alfabética do PB e as respectivas famílias silábicas dentro de cada consoante estudada, após a apresentação e estudo das vogais do PB, ou seja, método tradicional e bastante comum nas classes de alfabetização em PB para falantes que tem como LM ou L1 o PB, com possíveis e algumas planejadas adaptações aos falantes de Kanoê, como no caso dos exemplos que encaminham a uma análise e reflexões

contrastivas entre as duas línguas (PB-Kanoê), como no exemplo de Fla a Flu mencionado anteriormente. Apenas na penúltima página (p. 59) há pequenas frases ou texto monofrástico em PB e respectiva tradução na língua Kanoê o que auxilia na compreensão da língua Kanoê aos Kanoê que não dominam a língua Kanoê, bem como auxiliam na escrita dos textos por parte dos Kanoê que não falam a língua Kanoê, como exemplo dessas 16 frases apresentadas segue: aqui é a nossa aldeia/ Junin jateo atsoere.

As palavras são todas pertencentes ao contexto sociocultural de fala do povo Kanoê, tratando-se de uma ecolinguística em que as palavras apresentadas para a alfabetização no PB fazem parte de um repertório de fala já conhecido e em uso e isso é um ponto bastante positivo desse material, todavia não se recorre a frases e textos mais do que às palavras iniciadas pelo fonema/grafema em estudo que foram adotadas como a linha guia para o ensino-aprendizagem do alfabeto sonoro-escrito da língua alvo (PB), como exemplo na p. 35 em que para se ensinar a grafia do fonema /f/ é apresentada uma lista de palavras em PB iniciadas pela letra f (primeira coluna) com as respectivas figuras da palavra (segunda coluna) e a respectiva tradução (terceira coluna) para a língua Kanoê.

Fato importante a se relatar é que apesar de a apostila ser para a alfabetização inicial no PB, a letra adotada é a cursiva em caixa baixa, o que para muitos causa estranhamento ao não ter sido adotado a letra de forma em caixa alta, como de praxe, mas não por obrigação, em alguns casos de materiais elaborados para a alfabetização inicial em muitas línguas; todavia, essa pode ser uma questão para muitos irrelevante, bastando talvez ao ou à professor ou professora adaptar o material às necessidades de seus(suas) alunos (as), pois há casos de estudantes que só aprendem primeiramente por meio das letras de forma e caixa alta, por exemplo Bukwa Kanoê que têm preferência e mais facilidade para a leitura das palavras escritas em caixa alta com letras de forma.

Continuando a análise desse conjunto de Cartilhas, o Volume 2, que vai das letras J a Q, dando a continuação da cartilha anterior e seguindo a mesma dinâmica de abordagem por letras na ordem alfabética do PB, seguidas das famílias silábicas e exemplos de palavras que tenham essa letra tema em início, meio e fim da palavra. Na p. 51 desse volume 2, encontram-se frases sobre arco e flecha com perguntas e afirmações utilizando-se na oração o verbo ser como base e sobre a lenda do milho (pp. 56-58) o que já inclui um texto multifrasal e traz essa informação cultural sobre a lenda do milho, pois o cultivo do milho constitui-se fator de grande importância cultural Kanoê.

Nessa mesma cartilha também são abordados os números, fato importante para que o povo Kanoê aprenda o próprio sistema cultural de contação numérico, por meio dos dedos das mãos (a apostila traz imagens com esses desenhos das mãos e dedos, enriquecendo o material para o ensino aprendizagem. Tem-se que o Kanoê possui *pja* para 1 unidade e *mõw* para 2 unidades e o sistema numérico é de 1 com 2 para números ímpares e de 2 com 2 para números pares, por exemplo 3 é *mõw pja itso* 'dois um dedos', podendo *itso* ser uma palavra implícita, ou seja, para representar 3 no contexto de fala bastaria dizer *mõw pja*, pois quando se está no contexto de fala os dedos são sempre mostrados para a contagem possibilitando a interpretação de que ali seriam dedos, e 4 é *mõw mõw*, 5 *mõw mõw pja*, 6 *mõw mõw mõw* até chegar ao 10 que seriam 'duas mãos' *mõw ikotso*; como a cultura Kanoê possui tendências minimalistas, pois só vai até 10, mas, muitas vezes, a partir de 10 unidades ou o que extrapole os dedos das mão é pés já sai do sistema numérico em si para ser considerado *arakere* 'muitos(as) unidades' como contrário de *tsokere* 'nada' (zero).

Então continuando na Cartilha desse conjunto de Alfabetização na língua portuguesa, com relação ao volume 3 de R a Z, tem-se as sílabas DR e Ra a Ru, seguindo também a mesma lógica de exercícios de cópia-escrita propostos, bem como das palavras temas serem retiradas de um contexto, além disso palavras que não são da cultura Kanoê, mas surgem no repertório desse povo como empréstimos do PB são abordadas com frequência na forma como são pronunciadas e adaptadas pelos Kanoê abrindo possibilidades também para a criação de neologismos na língua Kanoê, a maioria aparece como empréstimo sem ter sido criado o neologismo Kanoê, como por exemplo a palavra para martelo que é pronunciada pelos Kanoê como *materu* e boi como sendo *boj*. Todo esse material é de grande importância para implementar essa pesquisa e é avaliado como material de grande valia para dar suporte aos projetos de alfabetização e ensino de línguas PB-Kanoê ao povo Kanoê, possibilitando que se ensine o PB ao mesmo tempo em que se aprende o Kanoê, isso no caso de pessoas já alfabetizadas e nesse caso o professor Kanoê já alfabetizado se beneficia bastante desse material, todavia pode representar muitos desafios ao aluno que ainda não foi alfabetizado e possui os domínios da leitura escrita em qualquer das duas línguas.

A partir dessa análise e diante dos escassos avanços de aprendizagem tanto do PB quanto da leitura e escrita Kanoê por parte dos Kanoê do Omerê, bem como do aprendizado da língua Kanoê pelo povo Kanoê do antigo contato, nota-se que ficam algumas lacunas no que diz respeito à concepção desse material elaborado até então e que como já foi dito é de

grande valia e tem servido de muito bom suporte para o ensino-aprendizagem dessas línguas; porém, com essas possíveis lacunas percebidas que apontam para a necessidade de ampliação e revisão desse material; obviamente que não há materiais didáticos perfeitos e durante os usos desse material é que o(a) mestre(a) fará os devidos ajustes e adaptações na medida do possível para as aulas propostas com base nesse material ou que o tenham simplesmente como apoio e não como base para as aulas, visto que quando se os utiliza somente como apoio essas adaptações parecem tornar-se mais flexíveis ao contrário de quando o material é usado como base principal da aula. Notou-se durante o trabalho de campo da pesquisa-ação mestre-aprendiz que essas cartilhas atualmente têm sido muito pouco utilizadas como base para as aulas, mas mais como material de apoio, tendo que no passado parece ter sido utilizado como base principal e norteadora das aulas planejadas, visto que muitos exercícios estão preenchidos e diante da afirmação dos professores Kanoê que estiveram em campo ministrando as aulas (AQUINO, no prelo).

Já com relação às duas cartilhas que têm como foco o ensino-aprendizado do Kanoê, conforme seguem as referências bibliográficas:

- 1- Bacelar, 2010. Kapeãw Kanoê Vararoe! Primeira Cartilha Escolar da Língua Kanoê. 2. Versão revista e ampliada. Prodoclin Documentação de Línguas Indígenas; Museu do Índio; FUNAI; UNESCO.
- 2- Bacelar, 2013. Kapeãw Kanoê Vararoe! Primeira Cartilha Escolar da Língua Kanoê. Volume 2. Prodoclin Documentação de Línguas Indígenas; Museu do Índio; FUNAI; UNESCO, Banco do Brasil, SAMI e Governo Federal do Brasil.

Essas duas cartilhas têm como foco o ensino-aprendizado da língua Kanoê e apresenta todo o alfabeto e respectivos sons que compõem as palavras da língua Kanoê com as 7 vogais orais e suas típicas 7 vogais nasais, para quem quer aprender e revitalizar o Kanoê é importante e primordial conhecer esse alfabeto da língua e nisso esse material ajuda bastante para que possamos ter em mente todos os sons e grafemas da língua, além das semivogais /w/ e /j/. Como exemplo tem-se a palavra *awa* para arara sobre a qual ainda estamos em discussão sobre escrever essa palavra com v ou com w, entre *ava* quando /w/ puxa mais para o som da semiconsoante ou quando /w/ puxa mais para o som da semivogal /w/, aproximando-se mais ao som da vogal /u/, entre tantos outros sons particulares do universo infinito e misterioso da língua Kanoê, como /tʃ/, /ts/, /ɲ/, /p/, /d/, /t/, /k/, /m/, /n/, /v/, /x/, /r/, bem como elicitos os

ditongos orais e nasais, sílabas orais e nasais, todo o panorama das possibilidades sonoras e previamente escritas da língua Kanoê, bem como os aspectos da acentuação, com a característica de o acento tônico recair sempre sobre a última sílaba, além dos sinais de pontuação na escrita, servindo como um perfeito guia didático para os primeiros entendimentos e contatos com a língua escrita Kanoê.

O material foi produzido utilizando a letra cursiva em caixa baixa o que causa certo estranhamento e dificuldade de leitura por parte dos Kanoê ainda não muito bem alfabetizados, não pela falta de projetos para tal, mas pelas dificuldades do percurso até então traçado com todas as histórias trágicas ao lado das quais perpassa esse caminho de contato com a sociedade letrada e os investimentos em possibilitar essa integração de maneira até onde possível e impossível sem muitas perdas culturais e linguísticas, visto se tratar de uma língua ameaçada de extinção por possuir apenas 3 falantes plenos. Essa cartilha parte de elementos da língua Kanoê para a tradução por meio de figuras na maioria dos casos e também palavras e frases em PB, assim, a língua alvo nessas duas cartilhas é a língua Kanoê, apesar de apoiar-se novamente no método da tradução. Alguns exercícios utilizando os pronomes pessoais (aj, mĩ, oj, ajte, mĩte, ojte), além do sistema de contação numérica Kanoê.

A palavra para gostoso é bastante utilizada para se referir a comidas é /tsuere/; todavia, essa palavra muda conforme a comida a que se refere, podendo variar todo o léxico e não simplesmente algum morfema aglutinante; um material excelente para quem deseja aprender a língua Kanoê, com um repertório maior de palavras, exercícios e frases. Os textos limitam-se às lendas do milho e algumas poucas histórias. O repertório musical anoê precisa ser documentado. Além de um repertório de verbos de ação como falar, dormir, comer, corriqueiros de atividades do dia a dia, fundamentais para travar o início de uma conversação.

Assim tem-se que é um excelente material para dar continuidade aos estudos das línguas em questão, principalmente notei que é um material que precisamos dar um uso para podermos como povo ganhar essa autonomia para o estudo da língua Kanoê e revitalização dessa e um ponto a se considerar é a reivindicação da coautoria indígena Kanoê nos futuros trabalhos que venham a ser realizados e produzidos materiais de estudo e didáticos na língua Kanoê, afinal nosso povo foi, é e sempre será coparticipante de toda essa produção bibliográfica. Um forte agradecimento ao professor Laércio Nora Bacelar por tantos anos de estudo e dedicação ao povo e à língua Kanoê. Com certeza esse material presente, apesar das lacunas existentes, é de grande valia para seguir dando o uso devido para que não fique

empoeirado nas estantes do tempo à medida que a língua perca sua vitalidade, mas ao contrário, devemos e podemos usar esse material para dar continuidade ao trabalho realizado até então e seguir com o propósito maior que é o resgate e a revitalização da língua e cultura do povo Kanoê com nossa rica história de tragédias e superações e eterna força e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, que teve como objetivo principal a avaliação e revisão crítica de materiais didáticos utilizados para ensino de língua Kanoé e do português do Brasil (PB), mostrou que esse material, apesar de precisar de melhorias e atualizações com relação à didática de ensino das línguas, é um excelente material para dar continuidade aos estudos das línguas Kanoé e PB. Nós Kanoê devemos fazer uso desse material para podermos, como povo, ganhar autonomia para o estudo da língua Kanoê e revitalização da língua, bem como nos apoiar não só nele, mas também nele, para darmos continuidade ao ensino do PB aos nossos amigos e parentes de recente contato do Omerê.

O presente estudo proporcionou ainda uma reflexão que considera que novos materiais didáticos sejam produzidos com autoria ou coautoria indígena Kanoê para se ensinar a língua Kanoê, como é o desejo do povo, bem como livros de histórias e literatura indígena com nossa autoria e colaboração direta, bem como pelo reconhecimento de nossa participação como autores do trabalho.

Conforme Silva (2000), o ensino de línguas indígenas adotado na escola pode contribuir com a manutenção das línguas desde que a metodologia usada leve em consideração a realidade sociolinguística da comunidade.

Seguindo essa consideração, faz-se importante que a elaboração do material didático seja feita de acordo às necessidades da comunidade para seu uso continuado com revisões, atualizações e adequações frequentes, bem como esses possam promover um ensino funcional da língua alvo, ou seja, um ensino vinculado às práticas sociais de usos dessa língua, mesmo que esse porventura restrinja-se inicialmente somente ao contexto da aula de língua indígena, proporcionando durante essa aula uma verdadeira imersão no universo do pensar, sentir e fazer de um povo que a fala e/ou a venha a falar nos casos das línguas altamente ameaçadas ao desaparecimento e que encontram, e são (re)encontradas nesse momento pedagógico,

fôlego e falas para continuarem existindo e compartilhando toda a cosmovisão que abrangem em suas superfícies e em seus códigos mais secretos.

REFERÊNCIAS

ADELAR, W. **The endangered languages problem**: South America. In: Robins, R. H. and E. M. Uhlenbeck. *Endangered languages*. Oxford: Berg. pp. 45-92. 1991. In: Bacelar, L. N. *Gramática da língua Kanoê*. Nijmegen, Holanda: 2004.

AQUINO, L. S. **Kanoê**: desenvolvimento de uma metodologia de ensino e revitalização linguística. Projeto de tese de doutorado a ser defendida a tese em 2024. LALLI - Universidade de Brasília: 2020-2022.

BARCELAR, Laércio. **Pinturas corporais, rituais e mitologia Kanoé**. Rio de Janeiro: Prodoclin Documentação de Línguas Indígenas; Museu do Índio; Funai; Unesco, 2014.

BARCELAR, Laércio. **Kapeãw Kanoê Vararoe! Primeira Cartilha Escolar da Língua Kanoê**. Versão revista e ampliada. Rio de Janeiro: Prodoclin Documentação de Línguas Indígenas; Museu do Índio; Funai; Unesco, 2010.

BARCELAR, Laércio. **Vocabulário Ilustrado Kanoê-Português (organizado em campos semânticos)**. Volume 1 – vegetais em geral. Goiânia. Prodoclin, Museu do Índio, Funai, Unesco, 2010.

BARCELAR, Laércio. **Vocabulário ilustrado Kanoê-Português (organizado em campos semânticos)**. Volume 2 – Peixes. Goiânia. Rio de Janeiro: Prodoclin, Museu do Índio, Funai, Unesco, 2010.

BARCELAR, Laércio. **Vocabulário Ilustrado Kanoê-Português (organizado em campos semânticos)**. Volume 3 – Indumentária e Adereços, Armas e Utensílios, Elementos da Natureza. Rio de Janeiro: Prodoclin, Museu do Índio, Funai, Unesco, 2010.

BARCELAR, Laércio. **Vocabulário Ilustrado Kanoê-Português (organizado em campos semânticos)**. Volume 4 – Corpo Humano e Animais. Rio de Janeiro: Prodoclin, Museu do Índio, Funai, Unesco, 2010.

BARCELAR, Laércio. **Kapeãw Kanoê Vararoe! Primeira Cartilha Escolar da Língua Kanoê**. Volume 2. Rio de Janeiro: Prodoclin Documentação de Línguas Indígenas; Museu do Índio; Funai; Unesco, Banco do Brasil, SAMI e Governo Federal do Brasil, 2013.

BARCELAR, Laércio. **Vamos ler e escrever em português 1**: Cartilha de Alfabetização para a etnia Kanoê. Volume 1 de A até I. 2. Edição revisada. BH/T.I. Omerê, 2014.

BARCELAR, Laércio. **Vamos ler e escrever em português 2**: Cartilha de Alfabetização para a etnia Kanoê. Volume 2 de J até Q + Algarismos/Números. 2. Edição revisada. BH/T.I. Omerê, 2014.

BARCELAR, Laércio. **Vamos ler e escrever em português 3**: Cartilha de Alfabetização para a etnia Kanoê. Volume 3 de R até Z. 2. Edição revisada. BH/T.I. Omerê, 2014.

BENTES, A. C. **Linguística textual**. In: FERNANDA, M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

- CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. Brasília: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Editora – v. especial (julho de 2020), 2020.
- CAMPETELA, C. **Proposta de material didático para ensino e aprendizagem do Português como segunda língua em escolas indígenas**. Letras escreve: Macapá, v. 4. N. 1, 2014.
- CUMMINS, J. **Negotiating identities: education for empowerment in a diverse society**. Ontário, CA: California Association for Bilingual Education, 1996.
- D'ANGELIS, W. R. **Kaingáng**: questões de língua e identidade. Liames 2, pp. 105-128, primavera, 2002.
- GREENBERG, J. H. Languages in the Americas. Stanford: Stanford University Press. 1987. In: Bacelar, L. N. **Gramática da língua Kanoê**. Nijmegen, Holanda: 2004.
- HAMEL, R. E. Políticas y planificación del language: una introducción. (Org.). Políticas del lenguaje en América Latina. **Revista Iztapalapa**. México: Universidad Autónoma Metropolitana, p. 5-39. HINTON, L. P. Language revitalization: an overview. In: HINTON, L.
- HARMERS, J e BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- MEGALE, Antonieta Heyden. **Bilinguismo e educação bilíngue - discutindo conceitos**. Revel, v. 3, n. 5, ago. de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- PIMENTEL DA SILVA, M. S. **A educação na revitalização da língua e da cultura Karajá na aldeia de Buridina**. Revista do Museu Antropológico, Goiânia, v. 3/4, p. 65-73, 2000.
- PRICE, D. **The Nambiquara Linguistic Family**. 1978. In: Bacelar, L. N. Gramática da língua Kanoê. Nijmegen, Holanda: 2004.
- REEL, Monte. **O último da tribo**: a epopeia para salvar um índio isolado na Amazônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras**: Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paula: Loyola, 1986.
- SILVA, M. S. P. **As línguas indígenas na escola**: Da desvalorização à revitalização. Revista Signótica: julho/dezembro de 2000.
- TRAVAGLIA, L. C.; KOCH, I. G. V. **Texto e coerência**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- WEI, Li. **Dimensions of Bilingualism**. In: Li Wei, The Bilingualism Reader. 13 London; New York: Routledge, 2000.

ANEXO 1

Povos da Aldeia São Luís da TI Rio Branco

Imagem 4 – Foto de Milene Tuparí



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 5 – Foto Romário Wajuru



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 6 – Foto de Leonardo Makurap



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 7 – Senhor Jucelino Djouromitxi



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 8 – Francisco Aruá.



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 9 – Ana Paula Kanoê, Jasmim Kanoê, Kemilly Kanoê e Fernando Uruã Kanoê



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021)

Imagem 10 – Kunĩ Kanoê mapi poroe. Criança Kanoê (Fernando Uruã Kanoê) pescando com arco e flecha e Benjamim Jabuti



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 11 – Mãe Elisa Jabuti ensinando filhas Kanoê a fazer chicha (*tsero*) na casa de chicha (*tsero tyj*)



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 12 – Casa de reuniões. Tseré mirõtxi tyj



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 13 – Paulo Rossi Kanoê tyj



Fonte: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 14 – Fibra de Tucum para fazer Yki. Pakytsiw ‘palmeira de tucum’. Uma possível reconstrução para a fibra de tucum poderia ser pakytsiwty ‘fio da palmeira de tucum’.



Foto: Paulo Rossi Kanoê (2021).

Imagem 15 – Fot de Yki 'marico', sacola tradicional.



Foto: Paulo Rossi Kanoê (2021).

ANEXO 2

Imagens exemplificativas de alguns dos materiais em uso analisados e citados neste trabalho.

Imagem 16 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.



Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 17 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.

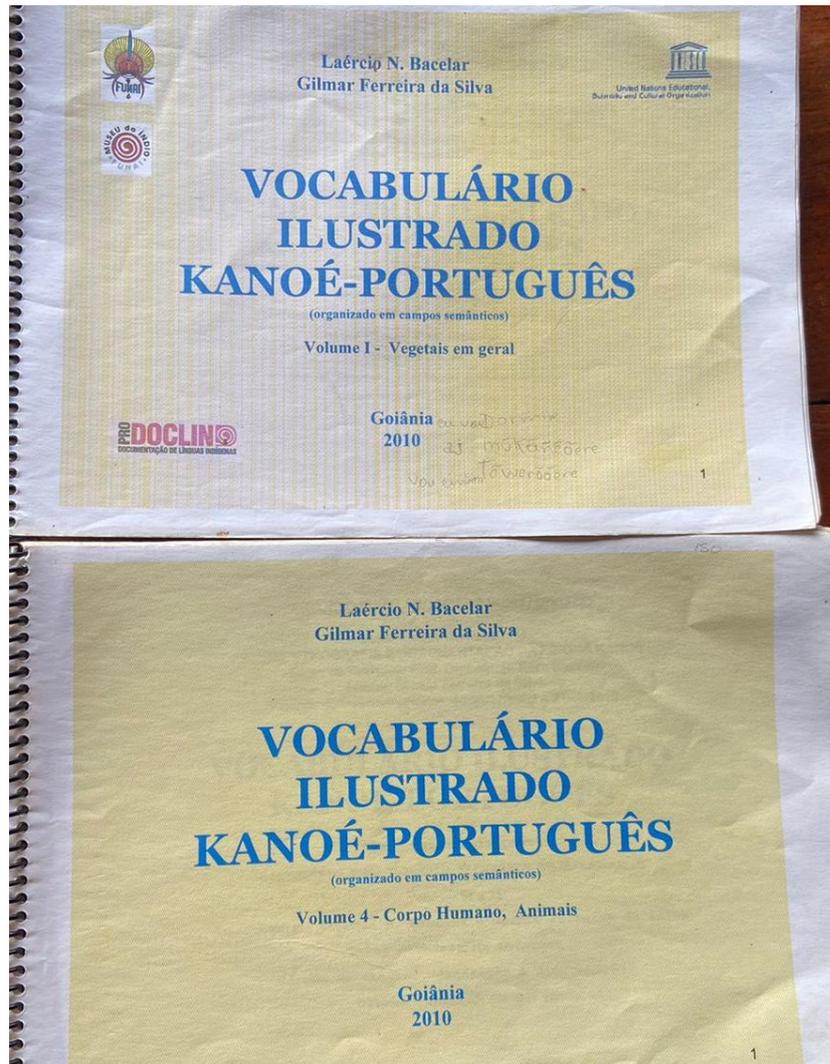


Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 18 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.



Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 19 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.

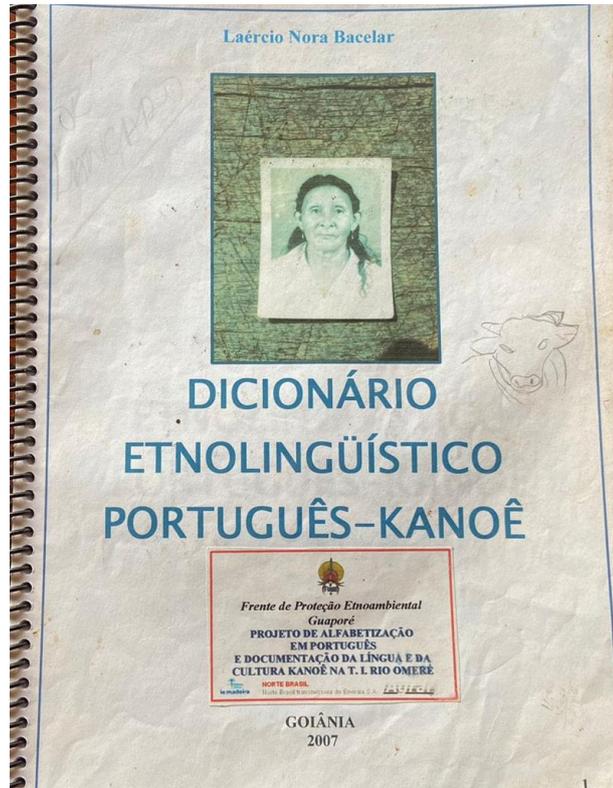


Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 20 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.

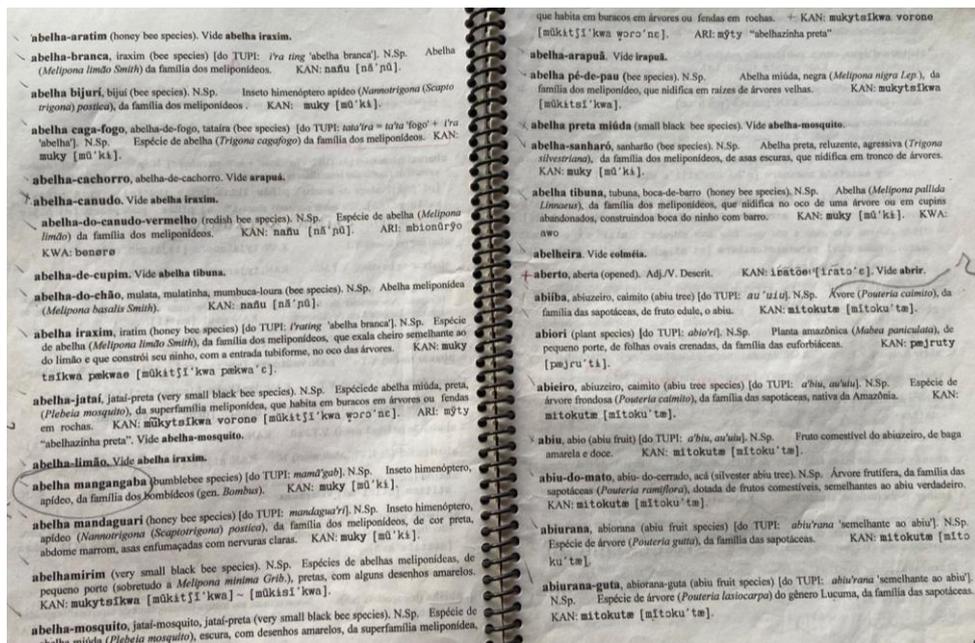


Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 21 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.



Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 22 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.

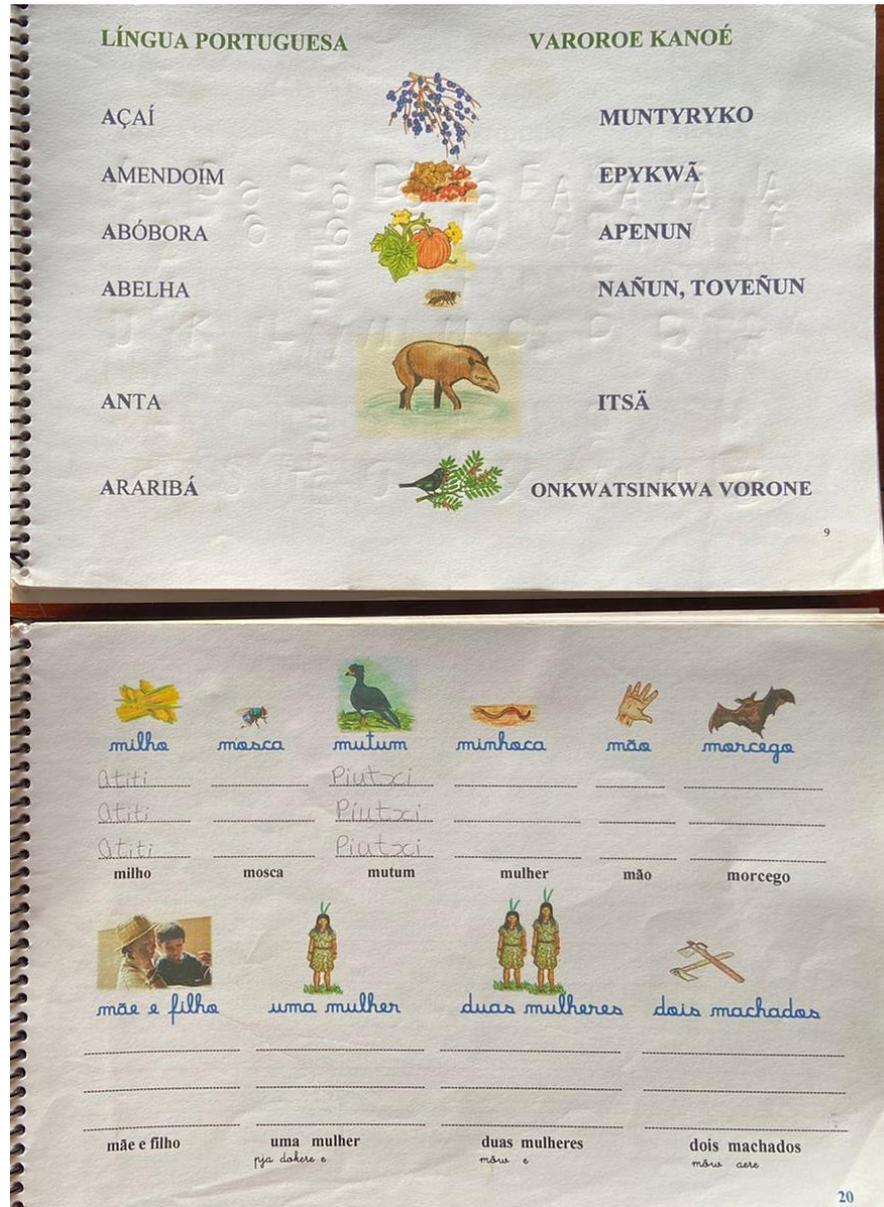


Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 23 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.

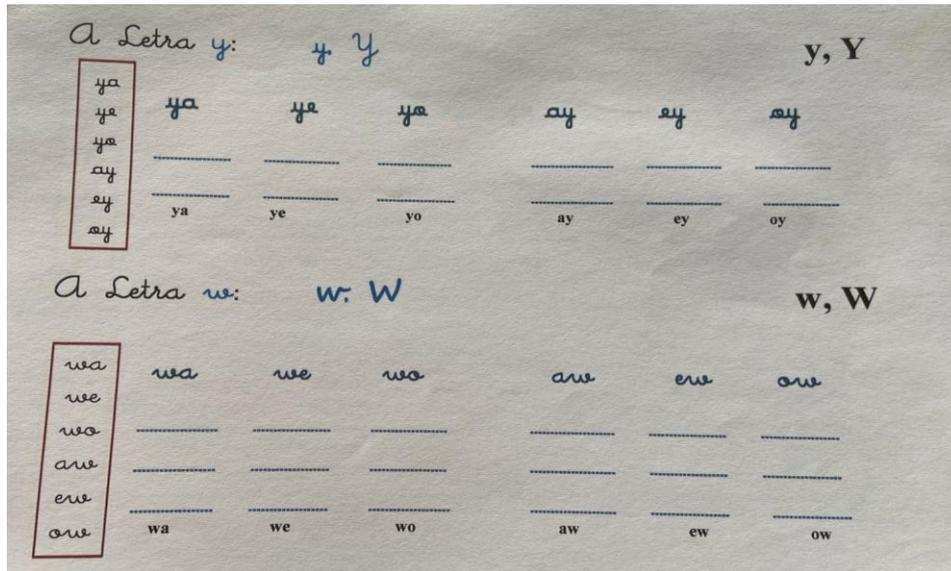


Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 24 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.

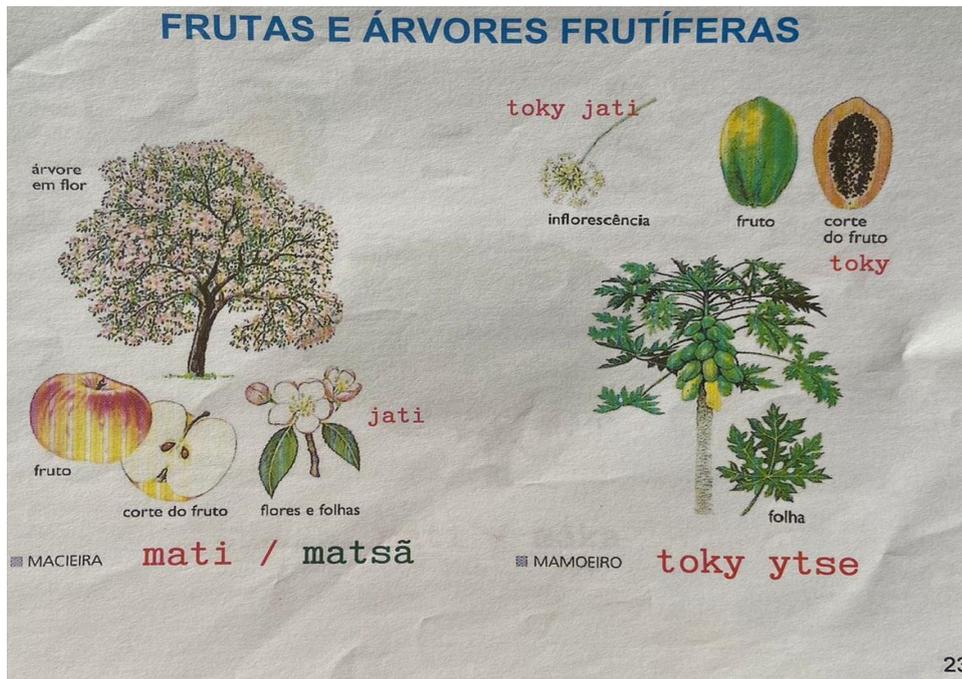


Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 25 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.

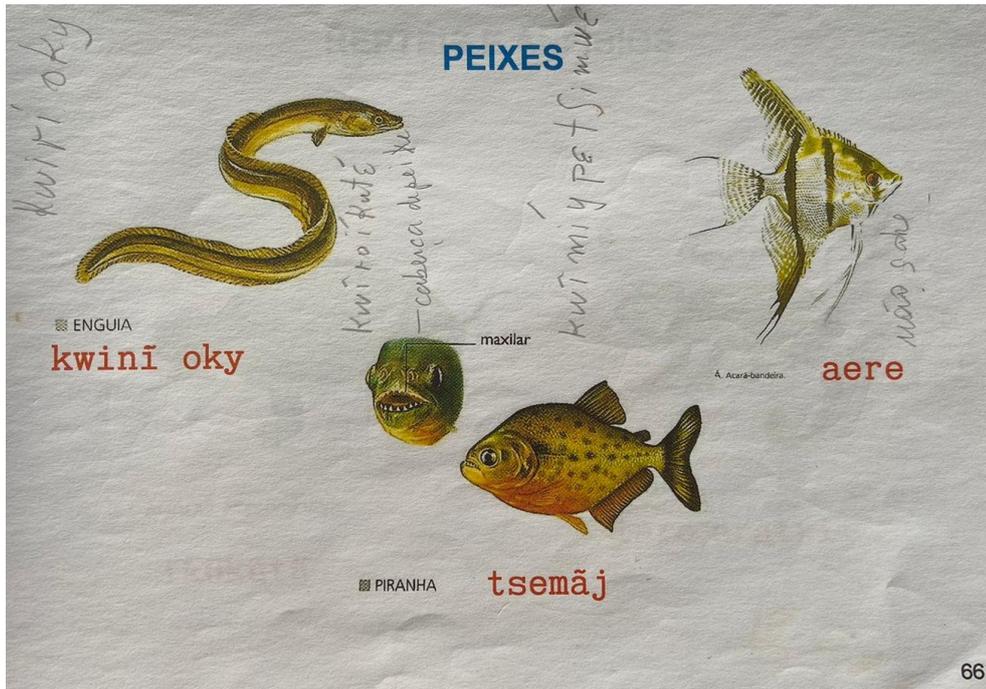


Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).

Imagem 26 – Foto de cartilha de alfabetização utilizada neste trabalho.

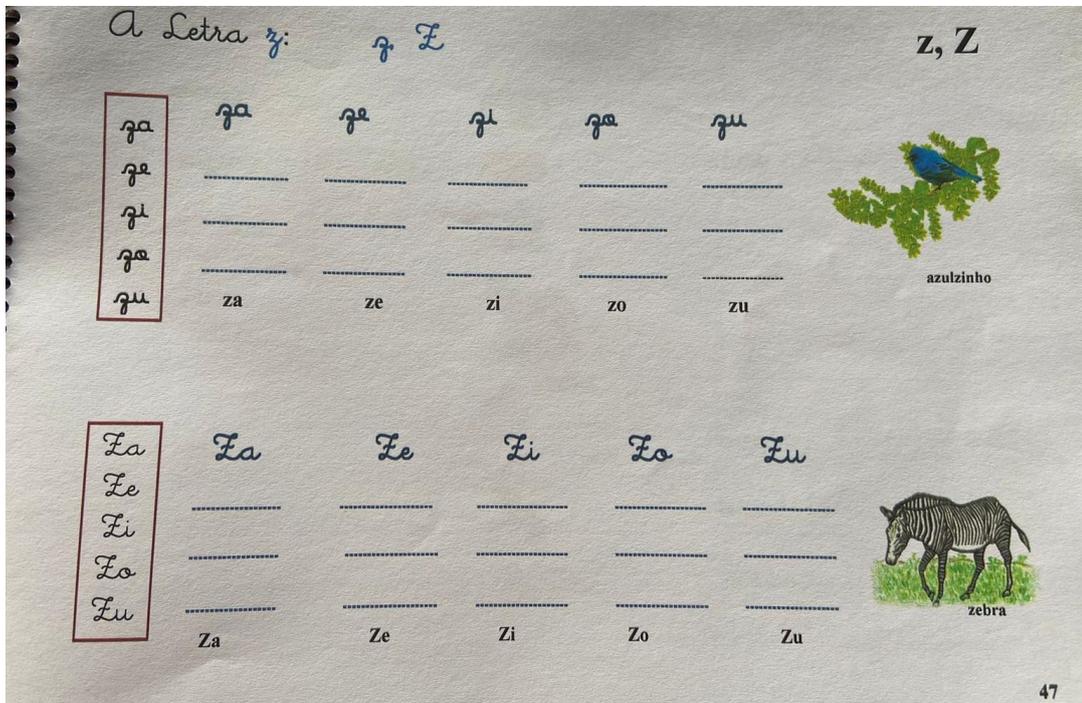


Foto: Paulo Rossi Kanoê (2022).